

Sobre os problemas do comportamento na adolescência: Observações de campo e avaliação longitudinal

RAINER K. SILBEREISEN ()*
PETER NOACK ()*
MATTIAS REITZLE ()*

I. INTRODUÇÃO

Será o uso de substâncias como o álcool, a nicotina ou mesmo a marijuana bom para os adolescentes? Embora pareça fácil rejeitar uma resposta positiva para esta questão, queremos demonstrar que um «não» radical pode obscurecer as formas intrincadas com que tais problemas de comportamento e o desenvolvimento normal e adaptativo do adolescente se relacionam.

Na transição da infância para o estado adulto, os adolescentes enfrentam uma variedade de pedidos e de desafios que se espera que dominem. Na maioria dos casos, eles têm ainda de encontrar estratégias e adquirir habilidades apropriadas para o fazer. Por isso, a adolescência torna-se um período da vida sujeito a tensões especiais. Tais dificuldades temporárias no desenvolvimento não se confinam a grupos específicos de problemas, mas podem ser considerados uma característica geral.

A nossa perspectiva, que acentua a função construtiva dos problemas comportamentais na forma de lidar com exigências e dificuldades próprias da idade, não pro-

cura, evidentemente, negar os riscos para a saúde e para o bem-estar psicológico resultante do uso de substâncias legais e ilegais. Essa perspectiva salienta, contudo, que os problemas comportamentais dos jovens só podem ser adequadamente compreendidos no contexto mais geral do desenvolvimento normal do adolescente. A centração nos problemas comportamentais como o uso de substâncias comumente designadas pelo termo «droga» pode levar a uma concepção que vê neles uma maneira de dominar dificuldades desenvolvimentais normais.

Dado a relação postulada, esperaríamos encontrar prevalência sistematicamente diferente do uso de substância ao longo da vida. Tal como alguns estudos longitudinais prospectivos demonstraram (Magnusson, Duner & Zetterblom, 1975; Huba & Bentler, 1983; Kandel & Logan, 1984; Jessor, 1986), quando se examinam amostras representativas da população geral mais do que grupos em risco particulares, o uso de substância manifesta-se de facto em episódios relativamente curtos que apresentam um padrão de prevalência surpreendente ao longo do curso de vida. Este padrão está menos relacionado com a idade cronológica do que com as transições normativas da vida.

(*) Technical University of Berlin (West).

Por exemplo, Yamaguchi e Kandel (1985) descobriram que o uso de marijuana diminui ou mesmo desaparece após o casamento ou a maternidade/paternidade. Correspondentemente, para jovens que fumam marijuana, esta transição biográfica acontece mais tarde do que em sujeitos não fumadores.

Uma linha comparável de argumentação pode ser utilizada para outros problemas como a delinquência e a depressão (Elliott, Ageton, Huizinga, Knowles & Canter, 1983; Rutter & Garnezy, 1983): trata-se de problemas essencialmente episódicos com particular incidência durante períodos de transição como a adolescência.

Na linha da orientação anterior, na exposição sistemática que segue, primeiro apresentamos brevemente uma estrutura conceptual e alguns resultados de investigações relativas à relação entre desenvolvimento do adolescente e problemas comportamentais. Referimos esta concepção em termos de «desenvolvimento como acção em contexto» (Silbereisen & Eyferth, 1986). Em segundo lugar, analisaremos dados de um estudo naturalístico dos *settings* de tempos livres do adolescente, para mostrar o papel que estes *settings* podem ter para o domínio pelos adolescentes das tarefas desenvolvimentais e a função do uso de substância neste processo desenvolvimental. Em terceiro lugar, o modelo de relações dinâmicas entre auto-estima, algumas orientações de tempos livres, e o uso de substância será formulado e testado utilizando uma grande amostra longitudinal. Uma atenção especial será dada à questão de saber se os padrões observados de mudança são consistentes nos dois sexos, nos diversos coortes de idade, e em contextos educacionais contrastados. Finalmente, sugerimos diversas direcções para investigações futuras acerca dos múltiplos papéis do uso de substância e outros problemas comportamentais nos processos de desenvolvimento durante a adolescência e o início da idade adulta.

II. DESENVOLVIMENTO E PROBLEMA DE COMPORTAMENTO: UMA ESTRUTURA CONCEPTUAL

A. *Iniciativa e auto-regulação*

Nos últimos anos, a iniciativa pessoal tornou-se cada vez mais um tema central nas conceptualizações psicológicas e sociológicas dos processos em jogo no desenvolvimento (cf. Lerner & Busch-Rossnagel, 1981; Brandtstädter, 1984, Silbereisen & Eyferth, 1986). Tal como os modelos heurísticos em geral, «desenvolvimento como acção em contexto» não constitui uma teoria específica, mas serve para delinear objectivos para investigação futura e ajuda a identificar estratégias empíricas para os prosseguir. Uma exposição completa dos detalhes da abordagem em termos de teoria de acção de investigação sobre o desenvolvimento humano está para além dos objectivos do presente trabalho; o leitor pode referenciar-se à análise recente de Brandtstädter (1984) e Silbereisen (1986).

Para nós, esta ênfase na acção orientada para objectivos nas ciências humanas, pode ser vista como sendo paralela às mudanças sociais mais importantes que ocorreram nas sociedades ocidentais em geral. Como foi assinalado em análise sociológicas (Beck, 1983; Siegert & Chapman, no prelo) as identidades sociais enfraqueceram cada vez mais a sua dependência estreita em relação ao nível cultural ou à classe social. Este fenómeno de «individualização» caracterizou-se pela atribuição de uma maior liberdade para os indivíduos modelarem a sua própria biografia, enquanto ao mesmo tempo o peso da responsabilidade e do risco para o sucesso na vida incide cada vez mais nos próprios indivíduos.

Analisando a situação actual dos adolescentes, Zinnecker (1985) vê o carácter da adolescência como um período moratório dando lugar a uma mais precoce confrontação com exigências e obrigações contraditórias. Embora o controle individual so-

bre o desenvolvimento possa ser mais ficção do que realidade, esta ideia aproxima-se da percepção subjectiva do adolescente, mesmo quando a iniciativa individual é impedida por condições altamente restrictivas. Por exemplo, os jovens ao deixarem a escola, na Alemanha Ocidental, insistem em ver-se a si próprios como responsáveis individuais do seu sucesso no mercado de trabalho, apesar de realmente existirem sérios limites no número de estágios disponíveis nas empresas (Heinz, 1986).

Apesar de se ver o desenvolvimento em termos de acções orientadas para objectivos e consequentemente colocar a iniciativa e planeamento do adolescente em foco, isto certamente não implica que o indivíduo tenha o controle completo do seu desenvolvimento. Uma forma de caracterizar o controle sobre o desenvolvimento é a que reside no conceito de auto-regulação (Carver & Scheier, 1982; cf. Silbereisen & Kastner, 1987). Os indivíduos gradualmente formam orientações relativas a objectivos e passos no seu futuro desenvolvimento, que reflectem as expectativas sociais normativas («tarefas desenvolvimentais»; v. Havighurst, 1952; Petersen & Spiga, 1982), e também as suas aspirações pessoais. Estas orientações desenvolvimentais funcionam como campo de referências para a acção ulterior. Se o estado presente do desenvolvimento for visto como desviante em relação àquelas orientações, a pessoa procura responder mudando as suas condições internas e contextos externos, o que pode reduzir a discrepância. Tal acção pode conduzir a uma mudança no estado do desenvolvimento, que por seu turno é comparado com a orientação correspondente. Claro que cada laço do controle está sujeito a outras influências no sistema, interno e externo.

A auto-regulação do desenvolvimento é organizada de uma forma «hierárquica-sequencial», isto é, mudanças de longo termo como o estabelecimento de relações de pares ou o treino profissional são com-

postos de ciclos mais curtos. Assim sendo, o objectivo de um passo intermédio poderia ser o resultado de um intervenção desenvolvimental prévia que por seu turno era dirigida por orientações desenvolvimentais mais abstractas abarcando pontos no futuro mais distante. Estes processos regulativos entrosados poderiam simultaneamente lidar com diversos domínios de objectivos.

B. *Problemas comportamentais numa perspectiva desenvolvimental*

Os comportamentos são considerados problemáticos quando entram em conflito com normas sociais ou critérios funcionais do bem-estar (v. Brandtstädter, 1977). Por isso, o uso de substância pode ser chamado problema comportamental quando uma idade legal de consumo é violada e/ou quando tal uso conduz a consequências que comprometem a saúde.

Entendido numa perspectiva de desenvolvimento, os problemas comportamentais podem ser vistos como um esforço para dominar dificuldades típicas da idade no crescimento psicológico. Isto não implica que o uso de substância ou a delinquência tenham sempre por objectivo ganhar controle sobre o desenvolvimento. Muitas razões podem existir para que um adolescente fume marijuana ou tome parte num pequeno crime. Mais ainda que os problemas comportamentais sejam uma tentativa de lidar com dificuldades desenvolvimentais, a relação é complexa: um problema específico pode ser uma forma de lidar simultaneamente com diversas dificuldades desenvolvimentais, e, do mesmo modo, uma dificuldade desenvolvimental determinada pode conduzir a diversos problemas comportamentais.

Há poucas abordagens teóricas que tratem sistematicamente do papel construtivo dos problemas comportamentais no desenvolvimento do adolescente. A teoria da «propensão para problemas comportamen-

tais» introduzida por Jessor e Jessor (1977), é uma expressão. A função do problema comportamental, seja o uso do álcool ou a experiência sexual precoce, é vista como uma tentativa para consumir a transição para a idade adulta de uma maneira demonstrativa, nos casos em que outras formas de adopção dos privilégios do adulto estejam vedadas ou sejam simplesmente inacessíveis.

Uma observação terminológica pode ajudar agora. Falar da «função» de um problema comportamental não é o mesmo que assumir que os indivíduos prosseguem conscientemente o objectivo de, por exemplo, partilhar privilégios bebendo bebidas alcoólicas. Embora isto possa ser verdade em muitos casos, por função referimo-nos à distinção entre aquilo que os etólogos chamam causas últimas («Zweck», Bischof, 1985, 181) em oposição a causas próximas de um comportamento individual. Acentuar uma perspectiva funcional não é equivalente a supor uma qualquer intencionalidade de um dado comportamento.

Só recentemente a investigação empírica rigorosa foi aplicada às complexas relações entre problemas comportamentais e dificuldades desenvolvimentais. Um exemplo disto é a maturação precoce, que, na nossa abordagem, pode ser compreendida como uma instância, de deterioração da auto-regulação devido à perda de controle pelo adolescente dos resultados dos seus próprios esforços desenvolvimentais, ou seja, as mudanças verificadas não podem ser interpretadas como consequências de acções próprias. Magnusson, Stattin e Allen (1985) verificaram que o início precoce da mentisruação está associado com o consumo de marijuana no meio da adolescência. No início do estado adulto contudo, esta relação desaparece. Além disso, uma relação similar com outras variáveis (por exemplo sucesso escolar) mantinham-se estáveis ao longo da fase inicial do estado adulto. De acordo com a sua argumentação, a restrição da relação entre maturação precoce e marijuana no

meio da adolescência sugere que a violação de normas ao fumar marijuana, mais do que simplesmente reflectir influências sociais negativas ou atitudes desviantes, representa os esforços das raparigas para ajustar o seu comportamento social a mudanças biológicas concomitantes. As raparigas parecem regular a discrepância entre a rapidez da maturação física e as suas menos avançadas orientações desenvolvimentais, concentrando-se em aspectos que podem controlar, isto é, formando o seu comportamento em contextos sociais mais parecidos com o do adulto (e isto significa comportamentos contra-normativos em termos da sua idade cronológica).

C. *Tempos livres como contexto para o desenvolvimento do adolescente*

Neste trabalho, aplicamos o nosso modelo do «desenvolvimento como acção em contexto» a um fenómeno desenvolvimental particular: a inter-relação entre pessoa e contexto na psicogénese do uso de substância na adolescência. Os contextos fornecem instigações para a formação de orientações desenvolvimentais e oportunidades para a realização de acções cujo objectivo é o desenvolvimento. Apesar deste aparente truismo, a investigação sobre o desenvolvimento do adolescente tem duas fraquezas maiores: negligência dos processos além da família e da escola, e inadequação dos paradigmas de investigação dominantes. Alguns comentários breves sobre estes aspectos podem ser úteis.

A psicologia do desenvolvimento está excessivamente preocupada com os dois contextos tradicionais de desenvolvimento — a família e a escola (Bronfenbrenner & Crouter, 1983). Por isso, a investigação sobre os outros contextos desenvolvimentais negligenciados merece atenção particular. Para o desenvolvimento do adolescente, locais de tempos livres estão entre esses contextos

que têm sido bastante pouco observados na investigação (Silbereisen & Noack, 1986).

A primeira vista, isto pode parecer surpreendente, se se considerar a tradição de estudos sociológicos qualitativos desde os anos 30, sobre o espaço urbano de vida dos jovens. Quando estes estudos são examinados, torna-se óbvio, contudo, que a ênfase incide em grupos periféricos da sociedade, e em contextos psicologicamente pobres nos quais esses jovens vivem. O trabalho detalhado de Thrasher (1927) sobre *gangs* de jovens é disso um exemplo. Ele vê a estrutura dos papéis no *gang* como uma compensação para a «desorganização social» de áreas desfavorecidas da cidade. Da mesma forma, a investigação no Centro para Estudos Culturais Contemporâneos em Birmingham (Brake, 1980; Willis, 1977) revelou os meios usados pelos jovens nas suas subculturas particulares para lidarem com problemas colectivos que estão enraizados na situação do seu grupo etário e também na posição social determinada pela cultura ou classe dos seus pais.

Reorientando a atenção de grupos de jovens desviantes para os meios quotidianos de adolescentes normais, Becker, Eigenbrodt e May (1984) aplicaram a abordagem teórica e metodológica de Birmingham no seu estudo de salões de casa de gelados e vários outros contextos de rua. Um importante foco deste estudo reside nas mudanças desenvolvimentais na «apropriação de espaços públicos» (cf. Harms, Preissing & Richtermeier, 1985). Este interesse em fenómenos desenvolvimentais não é partilhado pela maior parte dos estudos sobre contextos tais como ruas, parques e recreios (e. g. Cooper Marcus, 1974; Grabow & Salkind, 1976; Payne & Jones, 1977; Holahan, 1978; Eick, 1979; Medrich, Roizen, Rubin, & Buckley, 1982). Nestas condições, delinear a ecologia de oportunidades desenvolvimentais dos adolescentes é uma tarefa que ainda está por fazer.

A inadequação nos paradigmas de investigação existe mesmo nos casos em que ambos os tipos de influência no desenvolvimento — pessoa e contexto — são integrados nas abordagens empíricas. Tais estudos são conduzidos sobretudo em termos do que Bronfenbrenner e Crouter (1983) chamam modelos da indicação social: embora o contexto seja tido em conta, figura como pouco mais do que um nome, «com nenhuma atenção dada à questão de saber como é o meio, que pessoas nele vivem, o que fazem, ou como estas actividades podem influenciar a criança» (pp. 382-383). Na nossa opinião, a preferência por modelos simples é em parte devida à pobreza conceptual relativa aquilo que o contexto propicia (cf. Gibson, 1977) ao desenvolvimento. Falta-nos portanto conceitos teóricos que descrevam pedidos situacionais e correspondentes competências pessoais (Fuhrer, 1985; Kaminski, 1986).

Uma estratégia específica ganhou corpo na última década na investigação sobre o papel dos problemas comportamentais na adolescência: conduziu estudos prospectivos longitudinais em populações normais não seleccionadas, antes da emergência dos comportamentos problemáticos (cf. Kandel, 1980). Como assinala Magnusson (1985), um espectro mais largo de atributos pessoais e ambientais tem de ser medido ao longo de uma parte considerável da vida a fim de analisar a interacção entre adaptação e problemas do comportamento.

Idealmente, estudos prospectivos longitudinais em populações normais deveriam empregar instrumentos de medida bem standardizados e eficientes. Contudo, em consequência da falta de conceitos e de atributos contextuais relevantes no plano desenvolvimental a maior parte dos estudos estão longe de satisfazer quanto à informação que fornecem sobre o impacto dos contextos de tempos livres.

Pelo menos por agora, o que parece mais apropriado é uma abordagem a vários ní-

veis — que combine a medida representativa de locais de tempos livres como procedimento de exploração, com análise qualitativa em profundidade de locais seleccionados. Curiosamente, o trabalho de Martha Muchow (1935; cf. Wohlwill, 1985), que caiu em esquecimento durante quase meio século, aproxima-se bastante destes imperativos. Entrevistas com estudantes acerca da dimensão dos seus movimentos fora de casa e das suas actividades em locais de tempo livre, conduziram-na à selecção de diversos locais significativos (sobretudo locais de rua e um grande estabelecimento), onde extensas observações foram feitas. Ela descreveu o estabelecimento como um local onde se pode ganhar uma orientação para o mundo do consumo, e como um local de exercício onde os adolescentes poderiam tentar agir como clientes adultos. No estabelecimento também se realizavam os primeiros tímidos contactos com o outro sexo, incluído literalmente o empurrão prático facilitado pela existência de multidões.

No nosso «Estudo Longitudinal sobre o Desenvolvimento do Adolescente em Berlim» (Silbereisen & Eyferth, 1985) aceitámos a ideia de uma abordagem a vários níveis tal como foi feito no estudo de Muchow. Estão a decorrer observações anuais dos locais de tempos livres favoritos e mais frequentados, com uma grande amostra representativa da juventude de Berlim Oeste. Os dados resultantes orientaram a selecção de locais para análises ulteriores.

III. QUESTÕES DESENVOLVIMENTAIS EM LOCAIS DE TEMPO LIVRE: ESTUDO NATURALÍSTICO DE CAMPO

Nesta secção apoiamo-nos numa série de estudos naturalísticos de campo em locais como discotecas e centros comerciais. Há uma discussão em curso, no terreno da investigação sobre juventude, acerca da melhor abordagem metodológica. Aqueles

que defendem entrevistas narrativas opõem-se aos defensores da observação de campo (cf. Bertaux & Kohli, 1984). Quando o desenvolvimento é conceptualizado como acção em contexto, essa polarização torna-se inadequada e contraprodutiva. A acção dirigida para objectivos é por natureza multifacetada, e por isso uma compreensão adequada só pode ser atingida se aspectos tão diferentes como a sua organização interna, comportamento observável, e significado social forem examinados como parte de um conjunto integrado (v. Granach, Kalbermatten, Indermühle & Gugler, 1982).

Para nos aproximarmos deste *desideratum*, combinámos entrevista e observação: as entrevistas semidirectivas conduzidas em locais de tempo livre incidem particularmente nos objectivos que motivam os adolescentes para visitas a tais locais e nas estratégias que usam para atingir esses objectivos. Deste modo, pode-se compreender melhor o significado desses locais de tempo livre como contextos desenvolvimentais a partir do ponto de vista dos adolescentes. A observação sistemática serviu para medir a frequência e o alvo (outro sexo, par) de padrões típicos do comportamento do adolescente em ordem a perceber melhor as condições contextuais e os acontecimentos que os adolescentes encontram ao dirigirem-se para um local de tempo livre. Ainda foi registada a prevalência do uso de substância nesses locais, tanto para os cigarros como para o álcool.

A. *Um estudo por entrevista das perspectivas dos adolescentes*

Um dos grandes objectivos da entrevista consistia em identificar quais as tarefas desenvolvimentais normativas que se reflectem nos objectivos pessoais daqueles que visitam os locais de tempos livres. Fornecendo o referente para as orientações subjectivas dos adolescentes, as tarefas desen-

volvimentais que são consideradas, na literatura, cruciais para esta idade, são, por exemplo, contactos com o outro sexo e integração no grupo de pares (e. g., Havighurst, 1952; Newman & Newman, 1979; Dreher & Dreher, 1983). A integração do grupo de pares, por exemplo, refere-se aos esforços do adolescente para se tornar membro de uma clique, e assumir e manter uma certa posição em tal grupo. A taxonomia comum, contudo, capta o nível conceptual abstracto de tarefas a longo termo. Para as entrevistas orientadas para sujeitos concretos que se dirijam a locais de tempos livres, aquelas tarefas têm de ser compreendidas de forma a permitir relacioná-las com objectivos de acções quotidianas. Assim sendo, a aspiração a longo termo de ter uma relação heterossexual estável transforma-se no desejo de conhecer um rapaz ou uma rapariga, ou de resolver um problema em conjunto com um novo companheiro.

METODOLOGIA

Amostra — Os dados apresentados são em 190 entrevistas dirigidas, efectuadas a adolescentes (idade entre 11 e 18 anos) em dez locais onde os jovens passam os seus tempos livres, discotecas, centros comerciais, ringués de patinagem no gelo, piscinas cobertas e ao ar livre. Estes locais foram seleccionados tendo por base as escolhas indicadas pelos adolescentes perante um questionário avaliativo das suas preferências (para uma descrição desta amostra ver Secção IV). As entrevistas com os adolescentes foram efectuadas aleatoriamente nos locais já descritos. Assim, a distribuição entre idades e sexo abarcou uma população bastante heterogénea, o que poderia não acontecer se o local seleccionado fosse só um.

Procedimento — Quando os adolescentes entravam num dos locais designados eram inquiridos acerca dos motivos que os tinham

lá levado. O entrevistador teria de julgar pela resposta espontânea do adolescente se existiria associada ao motivo da visita alguma tarefa desenvolvimental e qual era. Os objectivos julgados importantes pelos adolescentes eram depois explorados no sentido de constatar qual a sua relação com o local: se o objectivo era um assunto de conversa neste local, e quais os problemas encontrados para se atingir o objectivo.

A sequência de questões era apresentada de forma flexível de maneira que se pudesse transformar numa conversa livre. Cada entrevista durava entre 15 e 45 minutos e posteriormente era descodificada a partir da gravação. As categorias utilizadas na codificação dos objectivos consistiam em contactos com o outro sexo, integração num grupo de pares, formação de um estilo pessoal, exercício físico e desenvolvimento, escolha de um papel de consumidor e uso de substância. As categorias agregavam os objectivos dos adolescentes em termos de orientações pessoais para o desenvolvimento. Estas orientações referiam-se a tarefas desenvolvimentais normalmente consideradas importantes durante o período da adolescência (cf. Havighurst, 1952; Newman & Newman, 1979). Breves descrições das categorias podem ser encontradas no Anexo A.

As categorias que especificam os meios de persecução dos objectivos acima mencionados de contacto com o outro sexo e de integração em grupos de pares, foram o contacto verbal, a oferta de substância, o contacto visual, a apresentação por amigos, a utilização de equipamentos ou programas dos locais onde se encontravam, o chamar a atenção, a mudança para outros lugares e os atributos pessoais. Partindo das informações sobre as ideias dos adolescentes acerca das formas para atingir os objectivos desenvolvimentais que eram inferidas a partir de um questionário de avaliação (Noack, Muchowski & Silbereisen, 1986), as respostas dos adolescentes foram resumidas em

termos das categorias já apresentadas. Ao estabelecer categorias, chegámos a um nível de abstracção que capta o que se passa nas situações concretas e é ao mesmo tempo aplicável a contactos entre membros do mesmo sexo e do sexo oposto, bem como aos diferentes tipos de locais analisados. Assim, contactar com alguém, que não se conhece, perguntando-lhe se é um frequentador habitual do local (contacto verbal), é uma estratégia que permite iniciar a conversação com pessoas do mesmo e de outro sexo, podendo ser utilizada numa discoteca, num centro comercial ou em qualquer outro local. As categorias obtidas estão em paralelo com a distinção que geralmente se faz entre esforços individuais, ajuda externa e a sujeição a situações autónomas, que sirvam o progresso desenvolvimental referido, de Dreher & Dreher (1983). Uma curta des-

crição do índice actual destas categorias aparece no Anexo B. Outras informações acerca da técnica específica da entrevista e do procedimento de codificação poderá ser consultado de forma mais exaustiva num manual (Schuhler & Kastner, 1985).

RESULTADOS

Objectivos — A distribuição das respostas às entrevistas de acordo com os objectivos que os adolescentes referiram para a sua visita aos locais é apresentado no Quadro 1 (os resultados são agrupados através de dois exemplos por local-tipo não sendo apresentado as anomalias correspondentes a locais individuais). O uso de substâncias legais é também apresentado quando mencionado como objectivo da visita.

QUADRO 1

Número de entrevistas nas quais os objectivos relacionados com tarefas de desenvolvimento foram indicadas pelos adolescentes como motivação para a visita a locais de tempos livres^()*

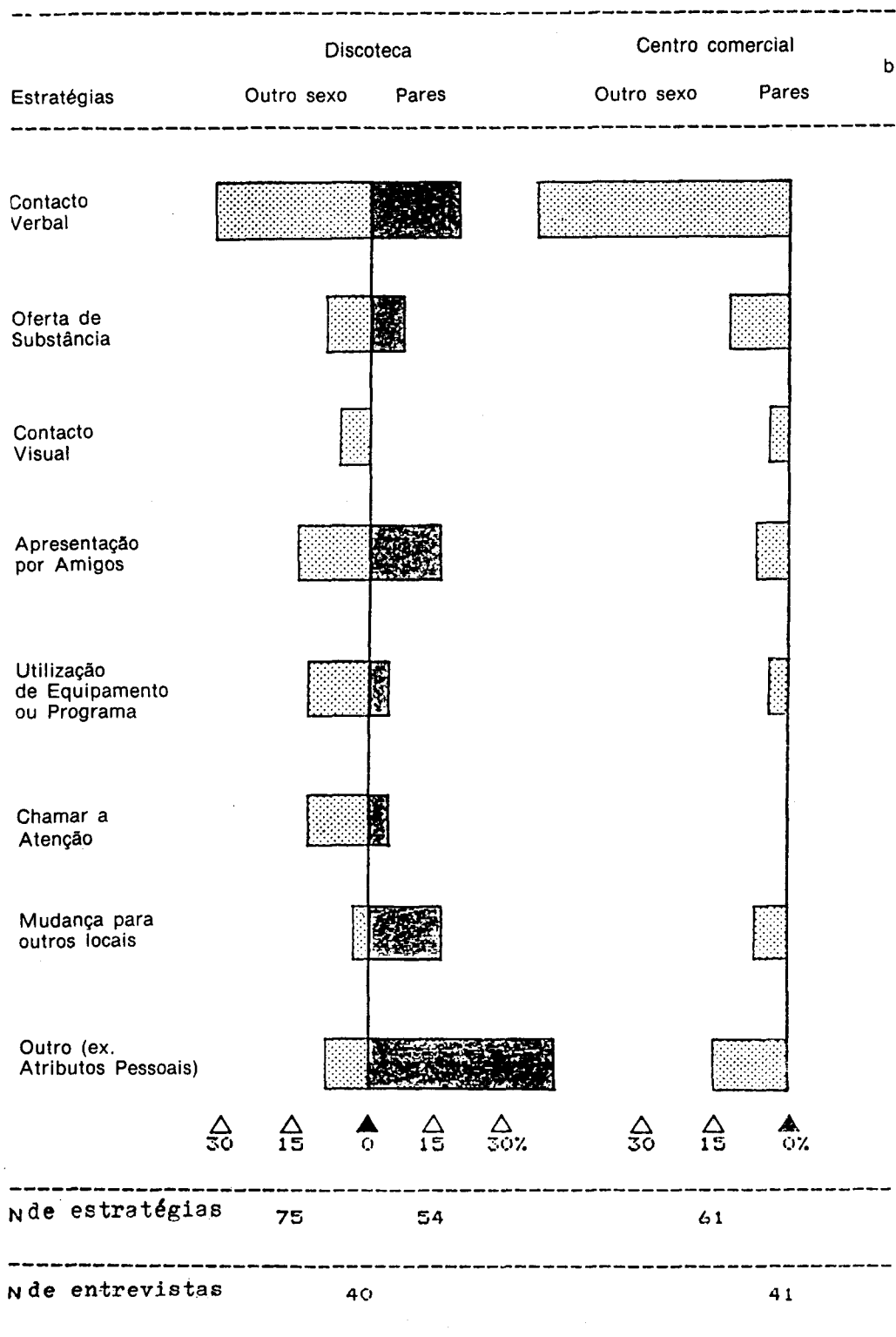
Objectivo	Discoteca	Centro comercial	Piscina coberta	Piscina ao ar livre	Ringue de patinagem no gelo	Total Linha
Contactos com o outro sexo	24	22	1	10	10	67
Grupo de pares (integração)	14	5	19	15	22	75
Formação de um estilo pessoal	10	1	0	0	0	11
Exercício físico e desenvolvimento	0	0	24	7	6	37
Adopção de papel de consumidor	0	15	0	0	0	15
Uso de substância	1	0	0	0	0	1
Total Coluna ^(b)	49 (111)	43 (95)	44 (69)	32 (69)	38 (91)	206
N.º de entrevistas	40	41	40	29	40	

(*) Múltiplas respostas possíveis; categoria ausente devido às células vazias.

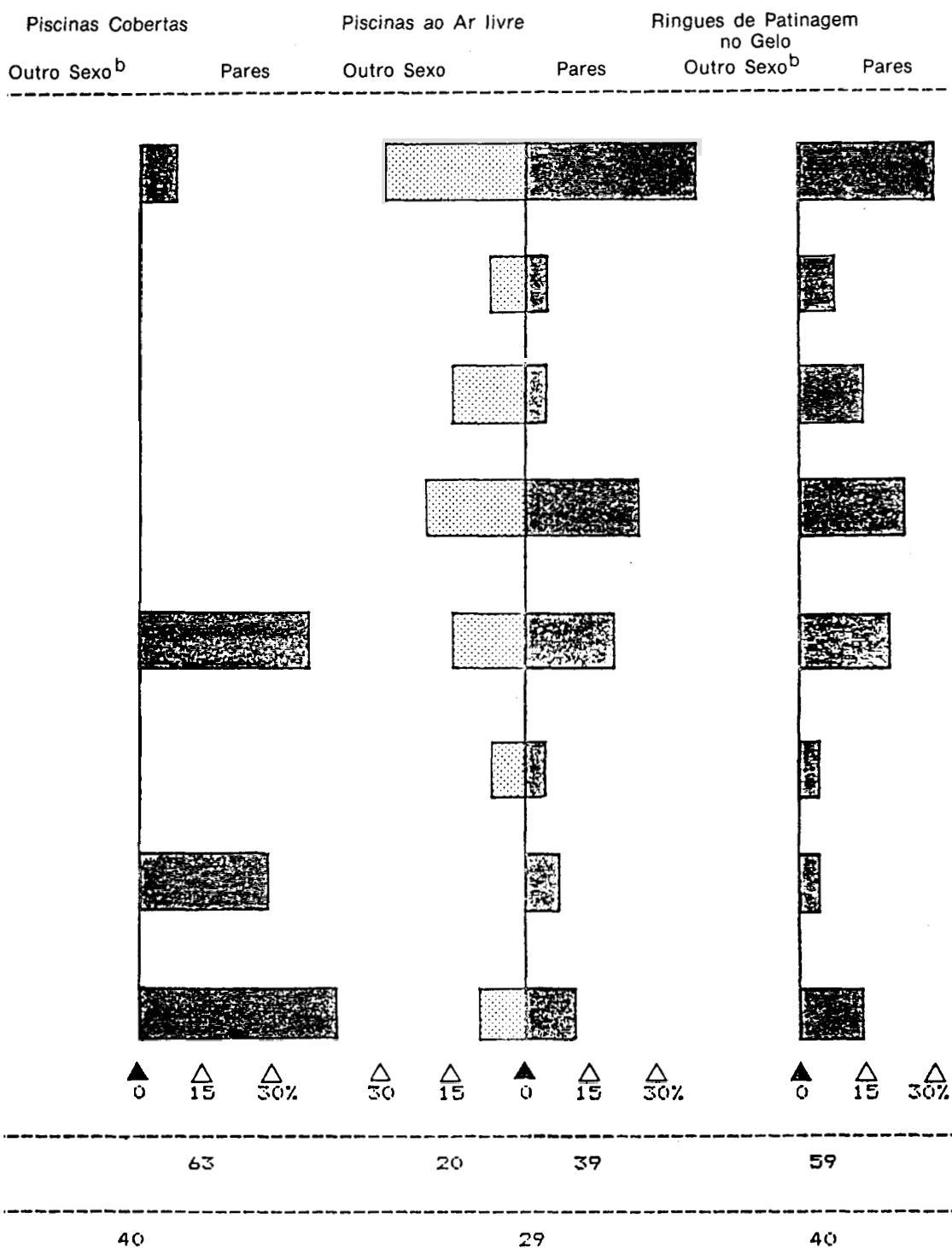
(b) Em parênteses o número total de instâncias onde os objectivos relacionados com as tarefas desenvolvimentais foram referidas no geral.

QUADRO 2

Percentagens das estratégias indicadas pelos adolescentes como forma de atingir os objectivos dos contactos com o outro sexo e da integração do grupo de pares (*)



QUADRO 2 (continuação)



(^a) Número total de estratégias por objectivo num local-tipo = 100 %.

(^b) Percentagens omitidas se o número de estratégias é inferior a 20.

Os resultados revelam uma clara diferenciação entre as respostas dos adolescentes. Por um lado, existem locais que são escolhidos em função de objectivos específicos, ou seja, existem locais onde só se vai para se atingirem objectivos específicos como prática de exercício físico, formação de um estilo pessoal e compras. Por outro lado, existem objectivos relacionados com as novas amizades e as actividades entre grupos de pares em que os locais escolhidos são mais indiferenciados. Num dos centros comerciais, por exemplo, os contactos com o outro sexo eram frequentemente apontados como um dos objectivos. Noutro centro comercial, esta vertente era também referida, mas a oportunidade de fazer boas compras a um preço acessível era mais importante.

Somente nalgumas entrevistas, o uso de substância, foi referido pelos adolescentes, e apenas uma vez foi considerado um objectivo suficientemente motivante para a visita a um dos locais. Assim, o uso de substância não se pode considerar como um objectivo importante de entre os indicados.

Meios — As estratégias ao serviço dos objectivos desenvolvimentais apenas são referidas para contactos com o outro sexo e integração no grupo de pares, tendo-se verificado que estes eram os objectivos mais importantes em quase todos os locais analisados. Isto torna possível a comparação entre os diferentes tipos de locais. O Quadro 2 mostra os resultados totais.

Enquanto a forma preferida para estabelecer contactos com o outro sexo é claramente o contacto verbal directo, os meios que levam a contactos entre membros do mesmo sexo é visto normalmente em termos de atributos pessoais, como a aparência externa, as atitudes ou características da personalidade. Frequentemente as relações de amizade entre elementos do mesmo sexo parecem ser conduzidas pela suposição táctica de que as coisas acontecerão por elas

próprias sem necessidade de apoios extras do tipo «tu és o tipo de pessoa ideal».

Apesar de, geralmente este padrão ser bimodal, ocorrem algumas diferenças em diversos locais. Em todos os locais desportivos, por exemplo, a participação conjunta em actividades é considerada como desencadeadora de interacções. As discotecas são os únicos locais onde a actividade (dançar) desempenha um papel em termos de apoio directo nos contactos com o outro sexo. As discotecas são também os locais onde mais se considera poder chamar a atenção do outro sexo. Neste sentido todo o ambiente de discoteca proporciona a oportunidade de uso de roupas que chamem a atenção, tendo em vista esse objectivo. Para além disso, cinco minutos passados na casa de banho de uma discoteca, com uma sufocante nuvem de *sprays* perfumados, convencerão qualquer observador de que os adolescentes investem na discoteca e no chamar a atenção, como forma de conhecer e atrair o outro sexo.

Enquanto, em geral, a referência a uma estratégia de contacto verbal pode ser assumida, incluindo a oferta de substância, alguns adolescentes explicitavam este comportamento como forma de estabelecerem a interacção com outros adolescentes; em 30 entrevistas (21% dos contactos verbais) os adolescentes indicavam que a primeira frase dirigida a outra pessoa estava relacionada com o álcool ou o tabaco. No entanto, a extensão em que esta estratégia era utilizada parece ser específica de alguns locais. Este factor parece depender da permissão ou não do uso de uma substância e dos hábitos de consumo de um determinado local, bem como da possibilidade de uso de outras estratégias, tais como pedir uma toalha emprestada numa piscina.

B. *Observação sistemática de campo*

As extensas observações sistemáticas incluíram a recolha de diversas características

dos locais, tais como número de visitantes e padrões do uso do espaço. Um aspecto importante das observações foi a avaliação da dimensão e do objectivo (outro sexo, pares) das actividades dos adolescentes nos seus locais.

METODOLOGIA

Amostra — Um total de 386 períodos de 10 minutos de observação foram efectuados em dez locais de pesquisa. Visitantes isolados bem como observação de grupos face-a-face. A selecção de adolescentes para observação foi estratificada de acordo com a situação tipo (por exemplo, sair, dançar e casais em discotecas; Noack, 1985). Normalmente eram seleccionadas aleatoriamente dez situações exemplificando cada situação-tipo observada num determinado local. Ao longo dos dez locais, as situações observadas mostravam uma distribuição equitativa respeitanto as idades e os sexos dos adolescentes participantes.

Procedimento — No sentido de se construir *perfis de comportamento* dos locais em que se desenvolvia cada actividade foi construída uma escala de cinco pontos para verificar por quanto tempo ocorriam, durante os intervalos de dez minutos, os seguintes comportamentos: olhar para as pessoas, tagarelar, contacto corporal, dar uma volta e falar em grupo. As categorias são baseadas num estudo-piloto efectuado (Noack & Silbereisen, 1982) e noutros contributos observacionais de ocupações de tempos livres dos adolescentes (Brower, 1974; Cooper Marcus, 1974; Harms et al., 1985). Embora as categorias sejam de certo modo semelhantes às estratégias que servem os objectivos desenvolvimentais, estão confinadas a comportamentos observáveis e carecem de orientação intencional, tal como é tentado por intermédio das nossas entrevistas. Os diferentes comportamentos não

são necessariamente mutuamente exclusivos (por exemplo, dar uma volta, contacto corporal e tagarelar podem ocorrer simultaneamente).

Para os mesmos intervalos, os observadores registaram quais os contactos estabelecidos com outras pessoas. Um contacto era registado se um participante na situação de observação começava a falar com, ou era solicitado por um não participante. Em todas as observações, os contactos envolvendo adolescentes do mesmo sexo eram distinguidos dos contactos com outro sexo, e os contactos entre os adolescentes que se conheciam anteriormente eram também distinguidos dos contactos que envolviam adolescentes que até aí se não conheciam.

O uso de *substâncias* legais era registado se pelo menos um participante na situação fumasse um cigarro ou bebesse álcool durante um intervalo de observação.

Os observadores tentavam proceder de forma a intervir o menos possível na situação. Assim, os dados eram registados após o intervalo de observação ter terminado, sendo as notas transferidas mais tarde para grelhas, fora do local de tempos livres. Detalhes adicionais podem ser encontrados em Noack (1985).

RESULTADOS

O Quadro 3 mostra a mediana de todas as observações relativas à listagem de comportamentos de cada local-tipo (no = não ocorrência, short = menos de 1 minuto, long = 1-4 minutos, por cada período de 10 minutos).

Paralelamente aos resultados das entrevistas, emerge uma distinção entre estes comportamentos que são típicos de todas as situações de tempos livres examinadas (por exemplo, tagarelar, contacto corporal), e aqueles que são específicos de alguns locais (por exemplo, actividades desportivas). Uma tríade comportamental consistindo em taga-

QUADRO 3

Perfil de comportamento para cinco locais-tipo de tempos livres de adolescentes

Comportamentos	Discoteca	Centro comercial	Piscina coberta	Piscina ao ar livre	Ringue de patinagem no gelo
Observando pessoas	long	short	short	long	long
Tagarelar	long	long	long	long	long
Contacto físico	long	short	short	short	short
Andar ao acaso	long	no	no	short	no
Passear	short	long	no	no	no
N.º de situações observadas	78	60	80	80	86

no = não ocorrência; *short* = 0-1 minuto; *long* = 1-4 minutos em média por um período de observação de 10 minutos.

relice, contacto corporal e observação de outras pessoas domina as situações em todos os locais. Outros comportamentos importantes estão mais directamente relacionados com as oportunidades que alguns locais, em particular, oferecem, tais como actividades desportivas em ringues de patinagem sobre o gelo ou como olhar para monstras em centros comerciais. No conjunto, em todos os locais analisados, a função de local de encontro como ocasião para interacções

casuais parece ser considerada mais importante do que a própria função específica de cada local.

O Quadro 4 mostra as frequências e percentagens de situações observadas nas quais os contactos eram estabelecidos entre adolescentes participando na situação e não participantes na situação. (Os números foram calculados ao longo de todos os locais, não sendo apresentadas as anomalias de cada local).

QUADRO 4

Frequência das situações com os participantes tomando contacto com outros adolescentes

Tipo de contacto	Discoteca %	Centro comercial %	Piscina coberta %	Piscina ao ar livre %	Ringue de patinagem no gelo %
Conhecido	27 (34.5)	3 (5.0)	9 (11.3)	20 (25.0)	24 (27.3)
Mesmo sexo					
Desconhecido	5 (6.4)	0 (0)	4 (5.0)	0 (0)	0 (0)
Conhecido	25 (32.1)	3 (5.0)	3 (3.8)	11 (13.8)	25 (28.4)
Outro sexo					
Desconhecido	10 (12.8)	4 (6.7)	3 (3.8)	0 (0)	0 (0)
N.º de situações observadas	78	60	80	80	88

Em parênteses situações, onde os contactos foram estabelecidos, como percentagem de todas as situações observadas.

O início da interacção curta ou longa com grupos de pares constitui um aspecto quantitativamente importante de situações de tempos livres dos adolescentes. Existem, no entanto, diferenças bastante claras entre os diversos locais-tipo examinados. As discotecas são os locais onde o número de contactos efectuados é maior, logo seguido dos ringues de patinagem no gelo. É surpreendente que tenha a situação menos ocorrência, noutros locais vocacionados para a prática do desporto, tais como piscinas cobertas, e que aparecem nos últimos lugares da lista. Em muitos locais o número de contactos entre membros do mesmo sexo e do outro sexo foram semelhantes.

A maioria dos contactos em todos os locais envolvidos processa-se entre adolescentes que já se conheciam anteriormente.

Em alguns locais, todos os contactos registados entre adolescentes que não se conheciam previamente verificou-se nas discotecas. Durante estas observações era muito difícil distinguir se estas entradas em contacto resultavam de interacções anteriores ou do facto de se conhecerem de vista durante a frequência habitual das discotecas. Em qualquer dos casos ambas as hipóteses anteriormente levantadas revelam-se essenciais para iniciar uma conversa.

O Quadro 5 mostra o número de situações em que os cigarros e o álcool foram utilizados durante os intervalos de observação (as anomalias correspondentes a locais individualizados não são apresentadas).

A mais alta proporção de situações em que se verificou o uso de cigarros e álcool foi observada em discotecas. Estas situações

QUADRO 5

Frequência das situações com participantes fumando cigarros ou bebendo álcool ()*

Substância	Discoteca %	Centro comercial %	Piscina coberta %	Piscina ao ar livre %	Ringue de patinagem no gelo %
Cigarros	30 (38.5)	17 (28.3)	0 (0)	8 (9.1)	3 (3.8)
Álcool	20 (25.6)	0 (0)	0 (0)	2 (2.3)	0 (0)
N.º de situações observadas	78	60	80	80	88

(*) Em parênteses situações de fumar e beber como percentagem de todas as situações observadas.

foram registadas em cerca de um terço das situações observadas, havendo um número bastante superior de situações envolvendo o uso de cigarros do que de bebida. Noutros locais o álcool não era tão importante, um facto que tem necessariamente a ver com as possibilidades de consumo. Em contraste, os cigarros podem ser fumados em qualquer local excepto nas piscinas cobertas. A quantidade de cigarros fumados varia bastante, verificando-se que a percentagem encontrada em centros comerciais é muito pró-

xima da das discotecas (acrescente-se ainda que é proibido fumar em centros comerciais).

C. Discussão

Tomando todos os dados em conjunto, parece razoável caracterizar os contextos de tempos livres estudados como instrumentos para alcançar alguns objectivos desenvolvimentais, em particular, a integração em grupos de pares e o estabelecimento de con-

tactos com pessoas de outro sexo. Neste sentido, as informações recolhidas pelas entrevistas onde eram referidas as opiniões subjectivas dos adolescentes, apontam no mesmo sentido das observações levadas a cabo nos mesmos locais; isto é, podemos descrever os locais de tempos livres como sendo, na sua maior parte, locais onde os contactos sociais entre adolescentes têm um papel mais importante. Mesmo nos casos onde a designação oficial do local tem um propósito mais específico, tal como os que se ligam ao desporto ou às compras, acabam por servir também para que aconteçam esses contactos sociais. Estes resultados confirmam os obtidos por Harms et al. (1985), num estudo realizado em dois bairros vizinhos de Berlim Ocidental, em que as entrevistas eram orientadas numa forma mais qualitativa, seguidas ainda de observação directa. Estes autores descrevem como alguns grupos de jovens adolescentes, pertencentes ao sexo masculino utilizavam um estabelecimento público como local de lazer, apesar de tal facto dar origem a conflitos com os funcionários que tentavam fazer cumprir as regras oficiais e não oficiais destinadas a proteger e facilitar a utilização normal do estabelecimento. Do mesmo modo, Harms et al. chamavam a atenção para a importância dos ringues de patinagem no gelo como locais de encontro entre grupos de pares, onde um dos mais importantes objectivos é de estabelecer contactos entre rapazes e raparigas. Quanto mais velhos fossem os adolescentes maior era o seu interesse pela actividade desportiva, em relação ao interesse pelo desencadeamento de um conhecimento novo.

Nos nossos estudos em campos de jogos, as observações mostram que os contactos acontecem preferencialmente entre jovens que se conhecem previamente, o que vem um pouco contra os resultados das entrevistas. Esta discrepância pode ser devida ao facto de não se assumir claramente que se está a cortejar um desconhecido, uma vez

que esse reconhecimento envolve variáveis com grande impacto emocional que podem não ser assumidas. Por outro lado, podem conhecer-se outras pessoas através de amigos comuns. Finalmente, pode ainda conhecer-se uma pessoa pelo facto de a ter visto frequentemente no mesmo local ou por intermédio de contactos visuais anteriores.

Só raramente a visita a um local foi motivada directamente pelo uso de substâncias. Um adolescente pode não estar autorizado a fumar em casa e pode facilmente consumir bebidas alcoólicas em locais de lazer. Assim, do ponto de vista dos adolescentes, o uso de substâncias viria como facto secundário em relação à frequência de um local. Um aspecto importante do uso de substâncias está aparentemente relacionado com o estabelecerem-se contactos pedindo ou oferecendo cigarros e goles de bebidas. Um jovem de 16 anos expõe esta função tácita dos cigarros: «A melhor maneira, quando pedes um cigarro a alguém, é tirar o filtro e depois esmagar o cigarro — ela fica logo a saber que queres algo mais». Desta maneira, pelo menos de um ponto de vista subjectivo o cigarro funciona como um passaporte para tornejar dificuldades neste domínio do desenvolvimento dos adolescentes.

Um significado psicológico suplementar do beber e do fumar em locais de tempos livres e que em todos os locais observados os adolescentes prestam bastante atenção a a tudo o que se passa à sua volta. As observações sistemáticas mostram que olhar à volta e para aqueles que estão nas proximidades é uma das actividades mais importantes. Isto mostra que os adolescentes são altamente susceptíveis a influências externas. O uso de substâncias em determinadas situações contextuais não passa, no entanto, despercebido (como pode ser visto através de alguns depoimentos das entrevistas; por exemplo, «As pessoas por aqui bebem bastantes bebidas alcoólicas» — rapariga, 16 anos, discoteca I; «Muita gente aqui bebe para se afirmar de uma determinada ma-

neira» — rapariga, 15 anos, discoteca II). Este facto é frequentemente uma condição essencial para que beber e fumar se tornem modelos de comportamento.

IV. AUTO-ESTIMA, ORIENTAÇÕES DE TEMPOS LIVRES E USO DE SUBSTÂNCIAS: UM MODELO DE EQUAÇÃO ESTRUTURAL

Os nossos estudos de campo permitiram uma maior compreensão daquilo que os adolescentes procuram nas situações de lazer analisadas e daquilo que eles de facto lá encontram. Embora a oportunidade de usar substâncias legais não desempenhe um papel central na decisão de visitar certos locais de lazer *per se*, isso surge como resultado de várias actividades, tais como fazer amigos, ou outros objectivos que parecem estar no centro do desenvolvimento na adolescência. No entanto, os resultados agora apresentados são apenas uma primeira aproximação. Até que ponto certos tipos de actividades de lazer têm de facto um impacto no curso do desenvolvimento é uma questão que se mantém em aberto. Apesar de termos a vantagem de utilizar informações autênticas os nossos estudos apenas podem apoiar como plausível a noção de que o uso de substâncias é um meio utilizado pelos jovens para a resolução dos problemas de desenvolvimento. Uma medida segura para avaliar o papel construtivo destes problemas de comportamentos requeriria uma investigação minuciosa de inter-relação a longo prazo entre as dificuldades de desenvolvimento e o uso de substâncias.

A. Para um modelo de processamento

Começamos por apresentar a nossa abordagem teórica do problema. Este modelo defende que existe uma relação bidireccional entre o indivíduo e o seu contexto, o que em algumas abordagens da actual psicologia

do desenvolvimento, é considerado o mais importante factor de auto-iniciação ao desenvolvimento (por exemplo, Baltes, Reese & Lipsitt, 1980; Elder, 1984; Lerner, 1985). No nosso modelo, as dificuldades desenvolvimentais são consideradas como perturbadoras da auto-estima. Esta relação promove algumas orientações de ocupação de tempos livres que encorajam contactos mais estreitos com os grupos de pares, o que pode levar ao incremento do uso de substâncias. Como resultado, a auto-estima aumenta, o que poderá servir de suporte para a ultrapassagem de outros tipos de dificuldades desenvolvimentais.

Uma forma específica de orientação dos tempos livres é aquilo a que se chama «actividades catárticas». Este tipo de actividade de lazer provoca uma redução da tensão num espaço curto de tempo, surgindo como resultado da vontade do sujeito em alterar completa e imediatamente o estado de espírito do sujeito, após experienciar situações de frustração, por exemplo, quer em casa quer na escola. Extraíndo de Labouvie (1986) a definição de *coping* em termos de «repertórios hierarquicamente organizados de tendências de acção», podemos compreender a grande preferência pelas actividades catárticas de resposta a situações frustrantes como uma forma directa de auto-regulação dirigida para uma *coping* baseada na emoção (cf. Lazarus, Kanner & Folkmann, 1980; Moos & Billings, 1982). Exemplos de actividades catárticas incluem manifestações nos estádios de futebol, ou nos concertos de *rock*, ou ainda vaguear pelas ruas (ver Secção IVD, para uma comparação entre orientações catárticas e orientações de lazer mais dirigidas a longo prazo).

Neste momento, as nossas conclusões apenas confirmam parte da sequência dos postulados apresentados. Caspi e Silbereisen (1986) mostraram existir relação entre as dificuldades desenvolvimentais e a auto-estima. No problema crítico central, ou seja, a incompatibilidade entre os desejos

e a realidade nos contactos com o outro sexo, observaram uma auto-estima substancialmente mais baixa nos adolescentes que tendo desejado estabelecer uma relação estável o não conseguiram.

No seu modelo de «desvio em defesa do eu» Kaplan (1980) relacionou as alterações da auto-estima com o uso de substâncias. Se os adolescentes continuamente experimentavam fracassos na persecução de objectivos de acordo com as normas e expectativas de determinadas faixas etárias, e se consideravam os representantes dessas normas — tais como pais e professores — responsáveis pelos seus problemas de auto-estima, então os *teenagers* começavam a dar atenção a grupos e a comportamentos desviantes dessas normas. Se o seu comportamento fosse adequado a este novo contexto, encontravam reconhecimento e eram capazes de conquistar uma auto-estima positiva. Alguns resultados empíricos confirmam estas conclusões. Kaplan, Martin e Robbins (1984) foram capazes de demonstrar que a rejeição manifestada por pais, professores e colegas de escola corresponde uma fraca auto-estima, mas pelo contrário, é um factor facilitador do uso de substâncias ilegais mais tarde. Este uso de substâncias ilegais pode, no entanto, elevar a auto-estima. Huba e Bentler (1982) verificaram que o consumo de *cannabis* durante a adolescência engendrou maior auto-aceitação quatro anos mais tarde.

Actividades de tempos livres que envolvem pares e/ou atributos da cultura de pares, como «ouvir música pop em altos berros», é considerado no nosso modelo como estando intimamente ligado ao enfraquecimento da auto-estima e como preditor do futuro uso de substâncias. Problemas ao nível da auto-estima resultantes da incompreensão das normas dos adultos e das expectativas etárias podem fortalecer a busca de desprendimento emocional. Estes problemas podem também servir para centrar a atenção dos adolescentes no grupo de

pares e em comportamentos que se desviam dos padrões de socialização dos adultos. Os estudos acerca do papel das actividades de tempos livres neste campo são ainda insuficientes. Investigações levadas a cabo sobre o impacto do desenvolvimento da personalidade no local de trabalho, durante a passagem para a idade adulta (cf. Kohn & Schooler, 1983) caracterizam as actividades de lazer como uma oportunidade de aliviar tensões criadas no local de trabalho (Hoff, 1985). Não existem estudos que investiguem o papel correspondente das actividades de tempos livres no desenvolvimento dos adolescentes e que sublinhem os processos psicológicos envolvidos. Uma excepção pode ser encontrada na investigação sobre o impacto da rede social na saúde (ver Cohen & Syme, 1985). Wills e Vaughn (1985) estudaram as redes sociais acessíveis aos adolescentes, nomeadamente, a prontidão com que pedem apoio e ajuda aos membros dos grupos de pares que se debatem com problemas semelhantes. Os que utilizam este apoio, mostrando frequentemente optarem por soluções semelhantes às dos seus companheiros que estiveram em situações idênticas, mostram um considerável acréscimo no uso de cigarros, particularmente durante a adolescência média. As formas como as actividades de grupos de pares influenciam o uso de substâncias foi equacionado por Jessor e Jessor (1977), e Kandel, e Mergulies (1978). Estes últimos estudos mostram como os modelos de comportamento nos locais que os adolescentes frequentam, são os principais responsáveis por esse efeito.

As já referidas possíveis consequências positivas do uso de substâncias na auto-estima e na ultrapassagem de problemas desenvolvimentais pode ser explicado de diferentes formas, ainda que complementares. Hull (1981) advoga uma teoria segundo a qual a prevenção e o cuidado consigo próprio é menor nos indivíduos que abusam de bebidas alcoólicas em casos de fracasso, o

que vai resultar numa crescente auto-avaliação negativa. Assim, uma depreciação a longo prazo da auto-estima é defendida neste trabalho. A influência positiva que se pode fazer sentir nas dificuldades desenvolvimentais pode ser atribuída geralmente, à mais baixa vulnerabilidade, às dificuldades e ao *stress* devido ao aumento de auto-estima (Werner & Smith, 1982). Como Labouvie (1986) apontava, o uso de substâncias — nomeadamente o consumo de bebidas alcoólicas num grau baixo ou moderado — acontece em contextos de grande emoção como festas de convívio ou de celebrações. Isto pode levar a que individualmente os sujeitos acreditem que o uso de substâncias é um elemento imprescindível nestes contextos. No estudo teórico de Hull (1981), uma fraca auto-estima seguida de consumo de álcool coincide com sentimentos de simpatia, similaridade e unidade com os outros em situações de grupo (Hull & Young, 1983). Assim, deve-se esperar uma função directa do uso de substâncias, tal como foi salientado no início do artigo e que pode ser confirmado pelos nossos estudos: o uso de substâncias tais como beber e fumar facilitam o contacto social e são pré-requisitos para alcançar muitos dos objectivos desenvolvimentais, durante a adolescência.

O estudo seguinte é um teste parcial ao modelo teórico apresentado. Queremos essencialmente mostrar que as orientações catárticas de tempos livres que compreendemos como preferências por focos emocionais de imitação (Labouvie, 1986), são o mediador crucial entre a auto-estima e o uso de substâncias numa amostra extraída da população de adolescentes. De acordo com a amostra, não podemos esperar um efeito directo da auto-estima negativa no futuro uso de álcool, que só pode ser considerado relevante para os adultos com problemas de excesso de bebida (Cappell & Herman, 1972). O nosso conceito de orientações catárticas de tempos livres examina o papel da actividade na tentativa de com-

por com o quotidiano (cf. Lazarus, 1986), o que, no nosso caso, está claramente relacionado com problemas normativos típicos deste grupo etário. Esta ideia está também de acordo com a compreensão do apoio entre pares posta em evidência por Wills e Vaughn (1985).

B. Metodologia

Amostra — Os participantes pertenciam a uma coorte média de adolescentes (idade próxima dos 14 anos) consistindo num total de 504 estudantes pertencentes aos graus 7, 8 e 9 e com uma distribuição aproximadamente igual de ambos os sexos. Este grupo era representativo para Berlim (Oeste) em termos de percurso escolar⁽¹⁾ e zonas da cidade. As observações foram feitas com um intervalo de 12 meses.

(¹) Os graus escolares alemães são mantidos no sentido de evitar confusões com o uso da nomenclatura inglesa, que é referente a um sistema escolar diferente. No sistema escolar de Berlim, *Hauptschule* não é orientado para a universidade; *Realschule* inclui os graus entre 7 e 10 sendo no entanto mais orientado para a universidade do que a *Hauptschule*; «Gymnasium» inclui os graus entre 7 e 13 sendo a instituição pré-universitária tradicional da Alemanha. *Gesamtschule* inclui os graus entre 7 e 13 oferecendo acesso para ambas as vias, universitária e não universitária.

Ainda que a transição da escola primária para a secundária ocorra tal como nos Estados Unidos após o Grau 6, a qualidade da mudança não pode ser comparável. Implica não só uma mudança na ecologia social (escola elementar da vizinhança centrada na criança *versus* grande escola secundária centrada nos programas escolares), mas também a colocação de acordo com os resultados escolares anteriores. Este problema leva usualmente a efeitos disruptivos maiores (fenómeno *top-dog*) do que aqueles que são conhecidos nos Estados Unidos (cf. Blyth, Simmons & Carlton-Ford, 1983).

Variáveis — Auto-estima (quatro itens) foi avaliada utilizando itens como «Estou satisfeito comigo próprio» (Silbereisen, Reitzle & Zank, 1986). Para *estabelecer orientações catárticas de tempos livres* (seis itens), os adolescentes eram convidados a indicar aquilo que preferiam fazer para afastar a frustração de um dia marcado pelo insucesso na escola ou em casa, as opções eram: vaguear pelas vizinhanças, jogar aos *flippers* ou nos jogos de video, ir a um concerto *rock*, ouvir música em casa com o volume muito alto e outras do mesmo género. Um exemplo pode ser o seguinte: «Tiveste um mau dia. A escola, os teus pais — tudo, de facto, te pôs nervoso. Agora, pensa que tens a oportunidade de deitar fora todas as tuas frustrações assistindo a um fantástico concerto de música ao vivo.»

A primeira medida de dados efectuada em 1982 avaliava o uso de substância em termos de prevalência ao longo da vida e a segunda medida avaliava as prevalências relativas aos 12 meses anteriores. Era perguntado aos participantes a frequência do consumo de vinho, cerveja, doses fortes e/ou consumo de cigarros.

Análise — Os modelos de equação estrutural (ver Figura 1) das relações entre os três constructos de ambos os pontos de medida foram postulados separadamente para cada tipo de substância. Estes modelos foram analisados utilizando LISREL V (Jöreskog & Sörbom, 1981) de acordo com os passos seguintes: *a)* os modelos de medida dos constructos foram testados utilizando análises factoriais de confirmação. Como todos os modelos de medida podiam ser considerados adequados, são omitidos mais detalhes acerca deste passo; *b)* o nível de afastamento entre o modelo estrutural e os dados obtidos foi testado utilizando métodos probabilísticos de máxima verosimilhança; *c)* de acordo com a nossa hipótese, um padrão particular de linhas temporais entre os diferentes constructos, seria de grande

importância. Esta importância foi testada através da comparação de um modelo que incluía todas as linhas temporais com o modelo que incluía apenas linhas entre as duas medidas por constructo (modelo de estabilidade); *d)* simultaneamente, a amostra foi dividida de acordo com o género e o percurso escolar. Métodos multigrupo de máxima verosimilhança foram então aplicados para medirem a invariância das relações estruturais ao longo destes grupos.

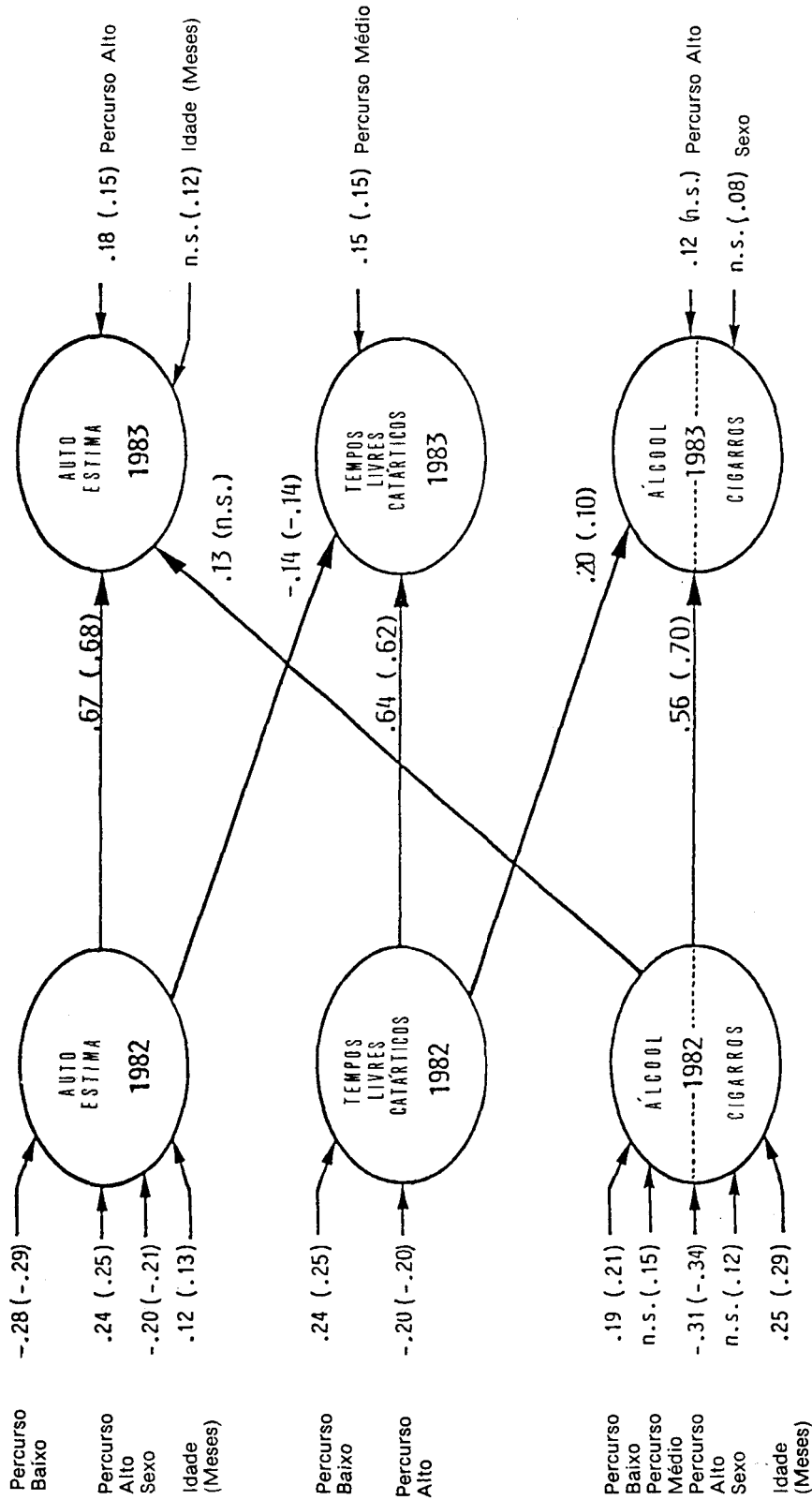
Os modelos testados pressupõem efeitos temporais entre constructos opostos a efeitos contemporâneos. Isto pode apenas ser justificado em terrenos de plausibilidade: novos ganhos na auto-estima positiva como consequência dum aumento do uso de álcool, por exemplo, é algo que apenas pode acontecer ao fim de alguns meses e não de alguns dias. Detalhes sobre o modelo estatístico e a sua análise podem ser encontrados em Silbereisen, Reitzle e Dwyer (1986).

C. *Teste do modelo*

Na nossa primeira análise, examinámos a relação existente entre auto-estima e uso de álcool (vinho e cerveja). Nesta análise nenhuma diferenciação será feita entre idade, género e percurso escolar.

Uso de álcool — O modelo estrutural de auto-estima, orientações de tempos livres e uso de álcool é mostrado na Figura 1. Apenas as linhas significativas são descritas⁽²⁾.

⁽²⁾ Utilizando o máximo de probabilidades de análise, o modelo para o álcool foi estimado de forma que todas as condutas entre os constructos (auto-estima, orientações catárticas de tempos livres, uso de álcool) fossem parâmetros livres. Dando um exemplo, a adequação qualitativa do modelo era aceitável ($\chi^2 = 168,40$; $df = 95$; $p < 0,001$). A hipótese nula de que não existiam relações entre os constructos foi testada comparando este modelo com um modelo alternativo que incluía apenas condutas estáveis.



Alcool : $\chi^2 = 168.40; df = 95$
 Cigarros: $\chi^2 = 119.59; df = 66$

Fig. 1 — Modelo estrutural para a auto-estima, orientação catártica dos tempos livres, e uso de substância. São apresentados os coeficientes estruturais significativos padronizados entre construtos e os coeficientes de regressão padronizados para experiências anteriores. Não são apresentadas covariâncias de perturbação

Como pode ser visto pelo padrão de relações temporais entre os constructos, os resultados confirmam a nossa hipótese em direcção e sentido.

Quanto mais baixo a auto-estima dos adolescentes, mais as suas orientações eram voltadas para actividades catárticas de tempos livres (- .14); quanto mais predilecção existisse mais álcool seria consumido no futuro (.20). Finalmente, o uso de álcool

A diferença na adequação qualitativa foi significativa ($\Delta \chi^2 = 190,45 - 168,40 = 22,05$; $df = 101 - 95 = 6$; $p < 0,005$) e assim o modelo incluindo o intervalo temporal é interpretável. No entanto apenas as condutas significativas são apresentadas na Figura 1. Os testes de significância utilizados são baseados em estimações *standard* dos erros. Perturbações na covariância não são apresentadas. Duas das perturbações aquando da primeira medição foram significativas: entre auto-estima e orientações de tempos livres (- .14) e entre orientações de tempos livres e uso de álcool (.24).

No sentido de evitar a possibilidade que cruzamentos de linhas de intervalo temporal diferentes no modelo fossem devidas a diferenças de idade, a amostra foi dividida em três grupos etários. Depois disso um modelo assumindo todos os cruzamentos de linhas invariantes nos grupos foi comparado com um modelo não envolvendo tais limitações. A diferença na adequação entre os modelos não foi significativa ($\Delta \chi^2 = 10,78$; $df = 12$; $p > .50$).

A lógica utilizada no caso do álcool foi também aplicada ao modelo que inclui os *cigarros*. A diferença na adequação qualitativa entre o modelo de estabilidade e o modelo que incluía o cruzamento de todas as linhas foi significativa ($\Delta \chi^2 = 135,40 - 119,59 = 15,81$; $df = 72 - 66 = 6$; $p < .025$). Também aqui mais perturbações ao nível da covariância foram significativos: entre orientações catárticas de tempos livres e uso de cigarros em ambos os momentos de medição (.29 e .07 respectivamente); para a primeira medição entre auto-estima e orientações de tempos livres (- .15) e entre auto-estima e uso de cigarros (- .17). O modelo é invariante em relação à idade ($\Delta \chi^2 = 14,56$; $df = 12$; $p < .025$).

Todos os testes utilizados se referiam a modelos que tinham em linha de conta as variáveis exógenas (idade, sexo, percurso escolar).

tem efeito positivo na auto-estima (.13): aqueles que bebem mais tenderão a ter melhor opinião a seu respeito.

Fumar — Qual a situação para o fumar? Não devemos esquecer que poucas diferenças existirão na prevalência destes dois comportamentos na adolescência média. Ambas as actividades são quase-normativas (cf. Kasner, 1985). Os resultados do modelo estrutural são também apresentados na Figura 1. Em paralelo ao uso de álcool, existe uma linha a partir das orientações prévias de tempos livres para o consumo ulterior de cigarros (.10). O já postulado efeito positivo na auto-estima, no entanto, não se verifica no consumo de cigarros: nenhuma linha significativa foi encontrada. Consequentemente, existe uma diferença no padrão de mudança e portanto na função psicológica entre o uso de álcool e o consumo de cigarros que está para além da diferença entre as estabilidades respectivas (.56 a comparar com .70). Embora as orientações catárticas de tempos livres incentivem o uso de ambas as substâncias, apenas o consumo de álcool parece ter efeitos sobre a futura auto-estima.

À luz das diferenças de estabilidade entre fumar e beber, pode-se assumir que uma maior habituação à nicotina parece ter tido lugar; assim sendo um ganho na auto-estima caso tenha acontecido teria ocorrido anteriormente. Na adolescência média ambos os comportamentos são induzidos pelo contexto das actividades de tempos livres, mas apenas o álcool tem um efeito significativo na auto-estima.

GÉNERO E PERCURSO ESCOLAR

Diferenças específicas entre subgrupos na estrutura do modelo não foram encontradas⁽³⁾. O padrão temporal postulado de

(3) Modelos assumindo todas as linhas cruzadas como invariantes ao longo dos grupos foram

relações entre auto-estima, orientação de tempos livres e uso de substâncias mostram ser estruturalmente invariantes, tanto para rapazes e raparigas como para os estudantes com vários percursos escolares.

Houve, no entanto, algumas diferenças quanto ao nível de dependência dos referidos constructos em relação ao sexo e percurso escolar, tal como foi indicado na Figura 1 (*). Particularmente impressionante foi o contraste entre os graus mais baixo e mais alto do percurso escolar (*Hauptschule* vs. *Gymnasium*). Estes dados apoiam claramente investigações anteriores que indicavam que estudantes colocados em graus mais baixos mostram uma auto-estima mais baixa, mais altas preferências por actividades catárticas de tempos livres, e bebem álcool mais frequentemente (Dusek & Flaherty, 1981; O'Malley & Bachman, 1983; Schwarzer, 1983; Fischer, Fischer, Fuchs & Zinnecker, 1981). Durante o ano em que decorreu o nosso estudo, os sujeitos no nível escolar mais alto superaram o consumo de álcool mas também se tornaram mais seguros de si próprios. Uma particularidade do consumo de cigarros, sugerida pela literatura anterior (Johnston, O'Malley & Bachman, 1984) também se confirmou. As raparigas fumavam mais do que os rapazes. Este efeito foi ainda acentuado ao longo do ano de investigação.

comparados com modelos que não envolviam estas limitações. A diferença encontrada na adequação entre os modelos não foi significativa para o sexo (álcool: $\Delta \chi^2 = 4,57$; $df = 6$; $p < .50$; cigarros: $\Delta \chi^2 = 7,50$; $df = 6$; $p < .25$) e percurso escolar (álcool: $\Delta \chi^2 = 23,49$; $df = 18$; $p < .10$; cigarros: $\Delta \chi^2 = 25,90$; $df = 18$; $p < .10$).

(*) Para a análise, os quatro percursos foram «efectivamente codificados» (cf. Cohen & Cohen, 1975), isto é, codificados em três variáveis tricotómicas: no «percurso baixo» os *scores* são *Hauptschule* = 1, *Gesamtschule* = 1, *Realschule* e *Gymnasium* = 0. Similarmente «percurso médio» (*Realschule* = 1, etc) e «percurso alto» (*Gymnasium* = 1, etc.) foram medidos.

D. A verificação da validade discriminativa

Para confirmar o papel das orientações catárticas de tempos livres como um mediador específico entre os problemas de auto-estima e o uso de substâncias, comparamos os seus efeitos com um outro tipo de orientações de tempos livres que também procura compensar experiências negativas e constrangimentos da vida quotidiana dos adolescentes. Entendemos por «orientações substitutivas de tempos livres» uma preferência por actividades caracterizadas por reorientação peculiar no domínio dos objectivos. Embora mantendo o objectivo dominante, o sucesso, os objectivos originalmente perseguidos são substituídos por outros. Assim, depois de terem experienciado insucesso na escola, os adolescentes podem substituir tópicos escolares por outras actividades motivados para o sucesso.

Nas nossas avaliações pedimos aos adolescentes para indicarem até que ponto se implicariam na renovação de um centro de juventude nas vizinhanças, na ajuda da organização de um campo de férias, tocar num grupo musical, organizar uma equipa desportiva ou actividades deste tipo. Um exemplo: «Num exame importante a nota obtida não correspondeu àquilo que tu e os teus colegas esperavam. Se pudesses preparar parte de um programa da festa escolar juntamente com outros alunos, prepararias a tua contribuição muito bem, dispendendo muito do teu tempo livre para fazeres da festa um sucesso?»

Apesar das óbvias diferenças, orientações catárticas e substitutivas de tempos livres partilham de aspectos comuns. São ambas «inventivas» (Bischof, 1985), no sentido em que se relacionam com as relatadas tentativas dos adolescentes em compor com experiências frustrantes explorando e construindo alternativas (em vez de, por exemplo, terem reacções mais «primitivas» tais como comportamentos agressivos). Tendo

em mente estas ideias, não devemos, no entanto, ignorar as diferenças entre estas duas orientações que tornam o contraste entre elas instrutivo no presente contexto. Enquanto as orientações catárticas de tempos livres são predominantemente dirigidas para uma regulação a curto tempo da emoção (cf. Labouvie, 1982) as orientações substitutivas de tempos livres são mais centradas nos problemas e exigem uma perspectiva temporal mais larga (cf. Moos & Billings, 1982, Labouvie, 1986). Para além disso, as orientações catárticas representam mais preferência pela busca de estimulação, enquanto orientações substitutivas são mais reflectidas e menos activas.

As orientações substitutivas devem pois jogar um papel diferente das orientações catárticas, tal como foi colocado no modelo anterior. Antes de mais, ultrapassar a frustração pela procura de objetivos alternativos não implica o risco de excesso no uso de substâncias. Em lugar de ser um factor de risco, podemos considerar que as orientações substitutivas de tempos livres representam uma protecção contra o uso de substâncias. Alguns argumentos suportam a nossa suposição. Uma vez que as nossas duas orientações de tempos livres vão no sentido daquilo a que Pulkkinen (1983) chamava «impulsividade vs. controle», podemos apoiar nos seus resultados. A autora conseguiu realizar predições acerca do uso de substâncias em adolescentes, a partir dos seus *scores* em impulsividade na infância. Um argumento ainda mais convincente é fornecido pelo facto de as orientações substitutivas não levarem os adolescentes tão frequentemente a lugares onde o uso de substância é característico. Por outro lado, a organização de campos de férias ou a prática do desporto em equipas escolares enquadram-se nas expectativas conformistas da sociedade adulta. Não expressa uma atitude positiva em relação a grupos de referência alternativos nem em relação a com-

portamentos desviantes das normas dos adultos.

As análises das relações entre a auto-estima e as orientações substitutivas foram feitas utilizando a mesma metodologia e mostra que foram utilizadas no caso das orientações catárticas.

O modelo estrutural incluindo os coeficientes significativos são apresentados na Figura 2.

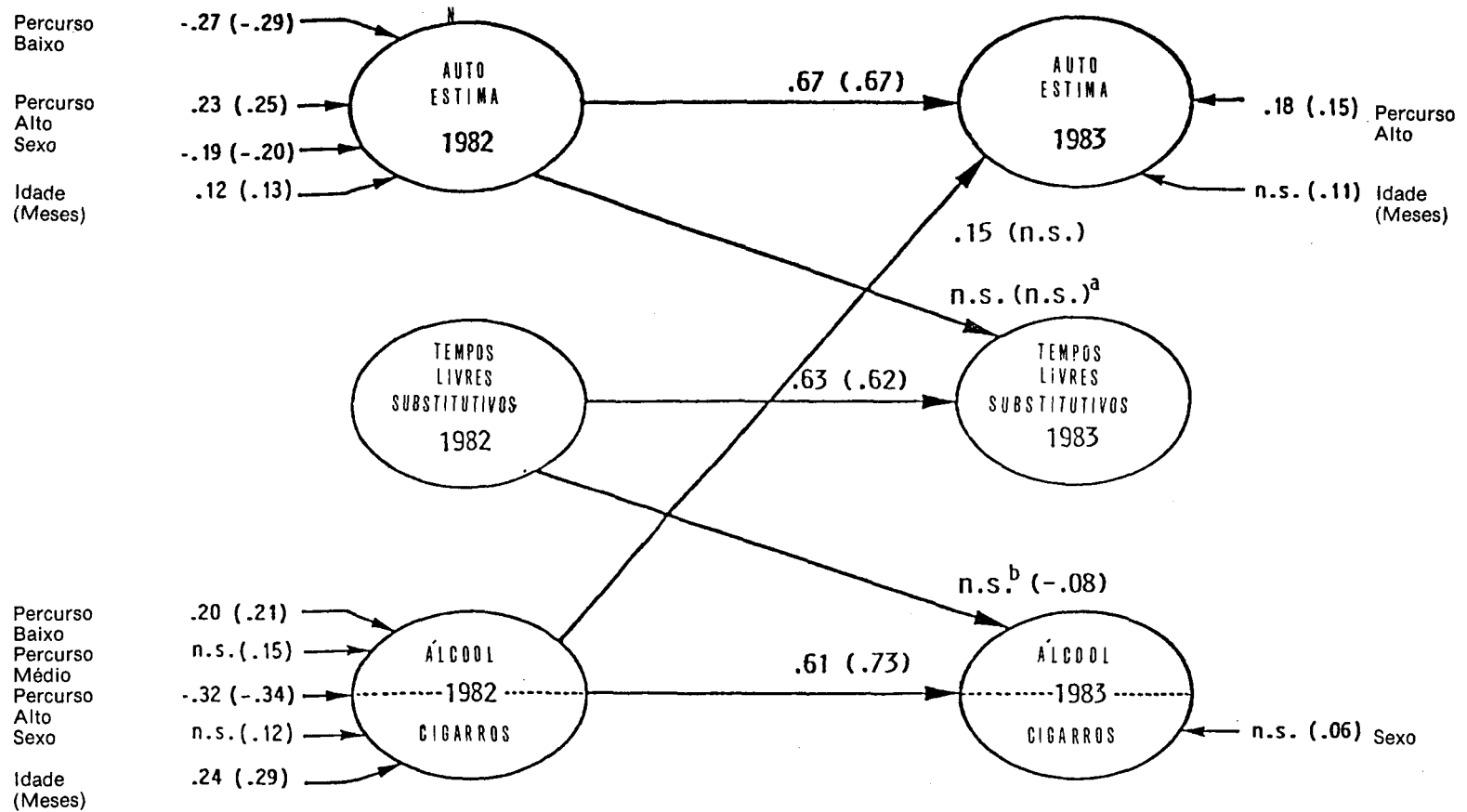
Embora a relação entre auto-estima e orientações substitutivas de tempos livres não seja significativa, enquadra-se nas nossas expectativas quanto ao sinal (relação negativa; ver nota na Figura 2). A linha negativa ($-.88$) entre orientações substitutivas e uso de substâncias indica que este tipo de orientação dos tempos livres inibe o subsequente consumo de cigarros um ano mais tarde.

O impacto positivo do álcool na auto-estima mantém-se o mesmo, como no modelo apresentado, mas não é mediado pelas orientações de tempos livres no caso da substituição. De novo e não surpreendentemente, não se encontrou nenhuma influência directa da auto-estima no uso de substâncias.

Os resultados confirmam a nossa suposição de que as orientações catárticas de tempos livres constituem um laço específico entre os problemas de auto-estima e o aumento do uso de substâncias, enquanto as orientações substitutivas de tempos livres têm um efeito oposto, especificamente em relação ao tabaco, não estando relacionadas com a auto-estima. Assim, é só a alta preferência por soluções de curto prazo e por lugares típicos dos jovens, em que se desenrolam actividades correspondentes, que levam a uma maior intensidade no uso de substâncias por parte dos adolescentes.

E. *Discussão*

A relação entre auto-estima, e orientações catárticas de tempos livres parece ser



^a coeficiente é do mesmo sinal que no «Modelo-Catártico»: -.06 (-.07)

^b coeficiente é do mesmo sinal e magnitude embora não significativo

Álcool : $\chi^2 = 124.02$; $df = 95$

Cigarros: $\chi^2 = 108.53$; $df = 66$

Fig. 2 — Modelo estrutural para a auto-estima, orientação substitutiva dos tempos livres, e uso de substância. São apresentadas os coeficientes estruturais significativos estandardizados entre constructos e os coeficientes de regressão estandardizados para experiências anteriores. Não são apresentadas covariâncias de perturbação

uma manifestação de um padrão desenvolvimental universal: quanto mais baixa for a auto-estima, maior deverá ser a futura orientação catártica. Esta relação parece ser igualmente aplicável a rapazes e raparigas, bem como, a sujeitos com a trajectória escolar mais alta ou mais baixa. A descoberta de que as orientações catárticas de tempos livres correspondem a um aumento do consumo de álcool e cigarros, pode claramente ser compreendido como um efeito facilitador, à luz dos nossos estudos no terreno. Aqueles que ocupam o tempo livre em discotecas ou estádios de *rugby*, só se sentirão bem se não existirem grandes discrepâncias entre essa ecologia particular e o seu próprio comportamento. Na tentativa de ajustamento a pressões contextuais e adopção de hábitos apropriados, como fumar e beber, figurará como um aspecto essencial de «ligação» entre o indivíduo e o contexto (ver Lerner, 1985). Acrescenta-se que os adolescentes que acentuam esta vertente da auto-regulação centrada na emoção, podem utilizar o consumo de álcool como redutores de sentimentos negativos, mudando de disposição rapidamente. Além disso, o álcool provoca uma atmosfera facilitadora dos contactos interpessoais nestes locais (Labouvie, 1986; Hull & Young, 1983).

Orientações substitutivas de tempos livres enquadram-se melhor em padrões e expectativas normativas. Isto reflecte-se num efeito proibitivo, discreto mas significativo, quanto ao uso de substâncias.

À luz das considerações anteriores, a relação entre auto-estima e uso de substâncias dá origem a algumas especulações acerca do papel funcional de beber e fumar na adolescência média. O uso destas substâncias pode ter como objectivo predominante a integração dos jovens nos contextos de pares. Este efeito seria por seu turno o responsável pelo consequente ganho na auto-estima. Enquanto os resultados do consumo de álcool apontam neste sentido, o

mesmo não acontece em relação ao consumo de cigarros, uma vez que não se verificou qualquer relação com a auto-estima futura. De acordo com Flay, Ryan, Best, Brown, Kersell, D'Avernas e Zanna (1983), poderíamos tentar justificar esta discrepância em termos de «estádios» do uso de substâncias. O papel funcional do fumar (Flay et al. não estudaram o caso do álcool) na integração no grupo de pares pode ser mais proeminente no estádio de iniciação. A adolescência média pode, assim, ser um momento tardio para investigar esta relação, pelo que teríamos de estudar um grupo de adolescentes mais jovens. De qualquer das formas, tal como já foi referido (Silberstein & Noack, 1986) não foi esse o caso.

O facto de não termos encontrado diferenças nos modelos analisados separadamente para o sexo e percurso escolar não deve ser sobreestimado. Ambas as variáveis representam atributos pessoais e características sociais bastante indiferenciadas. Subsequentemente, devido ao facto de que as nossas subamostras eram muito pequenas, não analisámos diferenças no processo proposto (auto-estima — orientações catárticas de tempos livres — uso de substâncias — auto-estima) como função da interacção entre sexo e contexto escolar. O último, representaria apenas aquilo que Bronfenbrenner (1986) tinha em mente quando considerou que os modelos «pessoa — processo — contexto» são a *via regia* na investigação do desenvolvimento em contexto. Como seria de esperar, a relação inversa — em que as orientações de tempos livres são a consequência do uso de substâncias — não é significativa, de acordo com os resultados do modelo estrutural. Isto não será surpreendente, mesmo para as orientações catárticas, se pensarmos nos objectivos indicados pelos adolescentes frequentadores de discotecas: o uso de substâncias raramente foi indicado como orientação dominante. Uma vez que o consumo de álcool é quase normativo nestes locais, não havia problemas em reali-

zã-lo. Assim, os resultados esperados seriam certamente diferentes para substâncias ilegais como a marijuana.

V. PERSPECTIVA

O exposto ao longo deste trabalho foi uma tentativa de ilustrar aquilo que designariamos por perspectiva desenvolvimental genuína sobre os problemas de comportamento na adolescência. O uso de substância é explicitamente visto como um comportamento utilizado para ultrapassar dificuldades de desenvolvimento típicos desta idade. No sentido de clarificar o nosso ponto de vista, exagerámos com certeza a universalidade do papel construtivo do uso de substâncias.

Limitações — Reivindicamos este argumento para o muito prevalente, quase normativo, uso de substâncias legais como o álcool na população normal de adolescentes, mas não para o abuso ou vício em substâncias, que são normalmente típicos de pequenas fracções de um grupo etário. Mesmo nesses casos, contudo, a nossa insistência no papel construtivo dos problemas de comportamento pode trazer alguma luz quanto a certos aspectos, até aqui já desprezados do uso de heroína, por exemplo (Projektgruppe Tudrop, 1984; Uchtenhagen & Zimmer-Höfler, 1985).

O nosso modelo foi elaborado para dificuldades desenvolvimentais, que representam discrepâncias menores entre os objectivos individuais e as oportunidades contextuais, em domínios como a amizade entre pares e as relações íntimas. Como demonstraram as observações efectuadas em locais de tempos livres, oferecer cigarros pode simplesmente jogar um papel de facilitador, vencendo a timidez, no início do contacto com o outro sexo. Em contraste, a deterioração de valores («perca do sentido da vida», Silbereisen & Kastner, 1987) criam um maior risco para a auto-regulação em desen-

volvimento do que algumas dificuldades de desenvolvimento menos graves. O consumo de substâncias, e a adopção de um estilo de vida correspondente podem aqui funcionar como um referente actual e um substituto de perspectivas positivas no desenvolvimento. Geralmente, o resultado desenvolvimental do uso de substâncias não depende tanto da prevalência e intensidade *per se*, mas sobretudo da função que desempenha na auto-regulação do desenvolvimento. O uso de substâncias como parte de um sistema de valores, que regulam os principais objectivos e o curso do desenvolvimento, não deve ser comparado com o uso de substâncias servindo funções instrumentais na abordagem de objectivos intermédios de desenvolvimento presentes, em contextos quotidianos.

Funções desenvolvimentais equivalentes de problemas de comportamento foram já postuladas nos trabalhos realizados por Jessor e Jessor (1977), Elliott, Huizinga e Ageton (1985), tal como já foi mencionado. No entanto, as semelhanças entre diferentes problemas de comportamento podem ter sido sobrestimados no passado, tal como pode ser visto pelas diferenças encontradas, no processo desenvolvimental e seus resultados, em relação com o álcool e uso de cigarros no nosso estudo.

Uma outra limitação, deriva do facto de não termos medido directamente dificuldades desenvolvimentais, e nos termos confinado à medida da auto-estima global, um indicador geral de ajustamento social. Embora Caspi e Silbereisen (1986) tenham encontrado evidências, numa amostra comparável, da sensibilidade da auto-estima, como resposta às dificuldades desenvolvimentais na formação de amizades, e Bachman e O'Malley (1986) tenham confirmado a importância do sucesso educacional para a auto-estima dos adolescentes, seria arriscado assumir que a nossa medida de auto-estima reflecte apenas resíduos de dificuldades desenvolvimentais não resolvidas. Um dos

passos seguintes para testar o modelo de processo será dar mais atenção a este aspecto.

Perspectivas na Prevenção — O aspecto seguinte a focar, é um tópico maior da nossa agenda para futura investigação: existirão equivalentes funcionais positivos ao uso de substâncias, para ultrapassar dificuldades desenvolvimentais?

Tendo em conta a nossa preocupação em trabalhar com uma população normal de adolescentes, podemos omitir grupos particulares em que o uso de substâncias obviamente funciona como um último recurso. Mas o que dizer da maioria dos casos em que mais cedo ou mais tarde esse consumo é bastante reduzido ou até abolido (ver Kandel & Logan, 1984)? Quais são as alternativas positivas, ou seja, comportamentos não problemáticos em termos de normas sociais ou critérios de bem-estar, mas servindo funções equivalentes para o desenvolvimento? Existe uma falta de evidências, empiricamente confirmadas no que diz respeito aos equivalentes funcionais entre problemas de comportamento e comportamentos positivos, em termos da sua contribuição respectiva para a ultrapassagem das dificuldades desenvolvimentais. Porque as «alternativas» são um assunto que cada vez mais recebe a atenção dos *designers* de programas (cf. Gulotta & Adams, 1982; Botvin, 1984; Perry & Jessor, 1985), isso representa um sério obstáculo a uma mais efectiva prevenção do uso de substâncias.

Como primeiro passo na procura de alternativas, tentamos identificar orientações de tempos livres equivalentes às orientações cárticas, que possam servir como meios para lidar com problemas de auto-estima resultantes de insucessos escolares, não envolvendo contudo um aumento do uso de substâncias. Uma vez que não acreditamos que problemas de auto-estima, derivados de experiências frustrantes na escola, tenham necessariamente efeitos negativos na moti-

vação para o sucesso ou para a competência, examinámos o papel das orientações substitutivas de tempos livres. Tentativas orientadas para o sucesso noutros domínios como o desporto ou outros *hobbies* podem ajudar a novos ganhos na auto-estima, podendo ainda reduzir o uso de substâncias. Pulkkinen (1983) demonstrou que, adolescentes com um grau superior de controle de impulsos e/ou melhor nível de realizações, mostram um uso menos intensivo de substâncias. O papel de orientação para o sucesso como factor proibitivo importante, é também sublinhado no trabalho de Jessor & Jessor (1977).

As nossas descobertas sobre o papel das orientações substitutivas de tempos livres, fornecem a base para uma investigação posterior de quais os equivalentes comportamentais concretos do uso de substâncias. O envolvimento crescente dos adolescentes com os computadores pode servir como exemplo de esforços orientados para o sucesso, na ocupação dos tempos livres. Resolver problemas de computadores ou escrever os seus próprios programas, pode ser uma forma de elevar a auto-estima num contexto normativo.

Deve-se no entanto não perder de vista que, ao procurar equivalentes funcionais não devemos cair em estereótipos populares sobre uma actividade determinada. Um dos casos é ideia comum de que o desporto é uma boa prevenção contra o uso de substâncias pelos adolescentes. Um olhar mais atento revela-nos um quadro mais complicado. Como mostraram as nossas observações, a integração em grupos de pares, joga nos adolescentes um papel comparável em locais como discotecas e ringues de patinagem. As expressões contextuais para o beber em grupo e a sua função facilitadora podem ser mais ou menos similares. Outros tipos de actividades desportivas podem, no entanto, oferecer protecção contra o fumar.

Numa perspectiva funcional dos problemas comportamentais, medidas preventivas

complementares podem ser delineadas com base nos nossos resultados. Já que, uma função central do uso de substâncias, pode ser a de estabelecer contactos com pares do mesmo sexo ou do sexo oposto, uma maior ênfase na aprendizagem de habilidades sociais poderia reduzir dificuldades que são de outra forma dominadas com o uso de substâncias.

Os esforços de prevenção não darão, provavelmente, origem a uma sociedade abstinente. Os adolescentes aprendem muito cedo que o uso de certas substâncias faz parte do dia-a-dia (cf. Conger, 1977; Peyser, 1982). O uso de drogas legais é frequentemente iniciado no contexto familiar (Kandel, 1980; 1986) e é, no caso do álcool, fortemente influenciado por modelos parentais. Os nossos resultados suportam a evidência de que o uso de álcool — que na nossa análise não é equivalente ao uso ou abuso problemáticos — pode desempenhar um papel facilitador ou construtivo na gestão do desenvolvimento. No entanto, a importância da prevenção e da investigação dos equivalentes funcionais devem ser consideradas tarefas prioritárias. Concordando com os argumentos de Labouvie (1986), existem uma série de evidências teóricas e empíricas de que o uso controlado de substâncias, pode facilmente evoluir para o uso problemático e a viciação, se se tornar um elemento indispensável no repertório de acções do indivíduo. Portanto, os equivalentes funcionais devem ser estabelecidos atempadamente.

Metodologias de investigação — O uso de substâncias pelos adolescentes, visto como um exemplo de desenvolvimento como acção em contexto, requer uma combinação a vários níveis de abordagens fenomenológicas e análises confirmativas de dados longitudinais sobre relações antecedente-consequente. A nossa forma de lidar com este problema só raramente foi utilizada no passado. A necessidade de referir aqui os tra-

balhos de Martha Muchow (1935) não traduz suficientemente bem este facto. Até agora, apenas tivemos oportunidade de relatar num único aspecto, o laço metodológico entre análises de *settings* e avaliação representativa por questionário. Os locais de tempos livres seleccionados foram escolhidos uma vez que foram os preferidos pela amostra representativa. Futuras análises poderão beneficiar de «fertilização mútua» noutro aspecto também. Os objectivos perseguidos e os comportamentos observados nestes locais guiaram uma extensão do questionário administrado ao painel. Perguntava-se a cada sujeito, qual o comportamento favorito no local de tempos livres preferido.

Como o uso de substâncias está sujeito a variações no tempo (ver Silbereisen & Kastner, 1987), o formato metodológico e o propósito das variáveis utilizadas no *Berlin Longitudinal Study on Adolescent Development* (Silbereisen & Eyferth, 1985), foram desenhados de forma a distinguir entre efeitos de idade e de coorte, quanto ao papel construtivo do uso de substâncias na resolução de problemas desenvolvimentais. Devido a isso, um desenho sequencial da coorte foi estabelecido, o que permitiu comparar o desenvolvimento dos adolescentes em coortes, com distâncias respectivas de três e seis anos. Este estudo está agora a ser replicado em Varsóvia, Polónia. Uma vez que existem diferenças nos valores parentais relativos à auto-direcção e obediências à conformidade, entre a Polónia e outros países como os Estados Unidos ou a Alemanha Ocidental (cf. Alwin, 1984; Kohn, Slomczynski & Schoenbach, 1985; Silbereisen, Boehnke & Reykowski, 1986), esta comparação será potencialmente de grande importância para uma melhor compreensão do papel dos problemas de comportamento dos adolescentes no desenvolvimento. Obviamente esta comparação intercultural requer também um estudo das famílias em vez de obter informações, apenas, a partir dos adolescentes. Felizmente, a família foi tra-

tada como uma unidade neste estudo (cf. Galambos & Silbereisen, in press a) e, na verdade, os primeiros resultados apontam para a importância da tensão familiar nos problemas de comportamento dos adolescentes (Galambos & Silbereisen, in press b).

NOTAS DO AUTOR

Os estudos dos autores foram subsidiados em parte pela Bolsa Si 296/1-1 do *German Research Council* através de 5 princípios de investigação: R. K. Silbereisen e K. Eyferth. A investigação foi efectuada na Universidade Técnica de Berlim em colaboração com Peter Kastner. A qual beneficiou da assistência assídua proveniente de Mechthild Nieman. Uma versão preliminar deste artigo foi preparada durante uma licença sabática tornada possível pela Bolsa Si 296/2-2 a R. K. Silbereisen do *German Research Council*. Estamos gratos a Urie Bronfenbrenner pela útil discussão.

BIBLOGRAFIA

- ALWIN, D. F. (1984) — Trends in parental socialization values: Detroit, 1958 to 1983. *American Journal of Sociology*, 90, 359-382.
- BACHMAN, J. G., e O'MALLEY, P. (1986) — Self-concepts, self-esteem, and educational experiences: The frog pond revisited (again). *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 35-46.
- BALTES, P. B., REESE, H. W., e LIPSITT, L. P. (1980) — Life-span developmental psychology. *Annual Review of Psychology*, 31, 65-110.
- BECK, U. (1983) — Jenseits von Stand und Klasse? Soziale Ungleichheiten, gesellschaftliche Individualisierungsprozesse und die Entstehung neuer sozialer Formationen und Identitäten. *Soziale Welt, Sonderband 2*, 35-74.
- BECKER, H., EIGENBRODT, J., e MAY, M. (1984) — *Pfadfinder heim, Teestube, Straßenleben*. Frankfurt/M: Extrabuch-Verlag.
- BERTAUX, D., e KOHLI, M. (1984) — The life story approach: A continental view. *Annual Review of Sociology*, 10, 215-237.
- BISCHOF, N. — Das Rätsel ödipus. Die biologischen Wurzeln des Urkonflikts von Intimität und Autonomie. München: Piper, 1985.
- BLYTH, D. A., SIMMONS, R. G., e CARLTON-FORD, S. (1983) — The adjustment of early adolescents to school transitions. *Journal of Early Adolescence*, 3, 15-120.
- BOTVIN, G. J. (1984) — Prevention research. In Secretary, Department of Health and Human Services (ed.) *Drug abuse and drug abuse research*. Rockville: National Institute on Drug Abuse.
- BRANDTSTÄDTER, J. (1977) — Normen. In T. Herrmann, P. R. Hofstätter, H. P. Huber & F. E. Weinert (eds.) *Handbuch psychologischer Grundbegriffe*. München: Kösel.
- BRANDTSTÄDTER, J. (1984) — Personal and social control over development: Some implications of an action perspective in life-span developmental psychology. In P. B. Baltes & O. G. Brim jr. (eds.) *Life-span development and behavior*, vol. 6. New York. Academic Press.
- BRONFENBRENNER, U. (1986) — Interacting systems in human development. Research paradigms: Present and future. Working paper prepared for the SRCDD Study Group on «Interaction Systems in Human Development» conducted at Cornell University, Ithaca, N. Y., May 15-17.
- BRONFENBRENNER, U., e CROUTER, A. C. (1983) — The evolution of environmental models in developmental research. In P. H. Mussen (ed.) *Handbook of child psychology, 4th edition*, vol. 1. New York: Wiley.
- BROWER, S. N. (1974) — Recreational use of space: An inner city case study. In D. H. Carson (ed.) *Man-environment interactions*. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross.
- CAPPEL, H., e HERMAN, G. P. (1972) — Alcohol and tension reduction: A review. *Quarterly Journal of Studies on Alcohol*, 33, 33-64.
- CARVER, C. S., e SCHEIER, M. F. (1982) — Control theory: A useful conceptual framework for personality-social, clinical, and health psychology. *Psychological Bulletin*, 92, 111-135.
- CASPI, A., e SILBEREISEN, R. K. (1986) — Transitions into dating. Costs and benefits of adolescent self-esteem. Paper held at the IInd European Conference on Developmental Psychology, Rome, September, 10-13
- COHEN, J., e COHEN, P. (1975) — *Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale: Erlbaum.
- COHEN, S., e SYME, S. L. (1985) — Issues in the study of social support. In S. Cohen & S. L. Syme (eds.) *Social support and health*. New York: Academic Press.
- CONGER, J. J. (1977) — *Adolescence and youth: Psychological development in a changing world*. (2nd ed.), New York: Harper & Row.

- COOPER MARCUS, C. (1974) — Children's play behavior in a low-rise inner city housing development. In D. Carson (ed.) *Man-environment interactions*. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross.
- CRANACH, M. v., KALBERMATTEN, U., INDERMÜHLE, K., e GUGLER, B. (1985) — *Goal-directed action*. New York: Academic Press.
- DREHER, E., e DREHER, M. (1983) — Wahrnehmung und Bewältigung von Entwicklungsaufgaben im Jugendalter. München: Unpublished manuscript.
- DUSEK, J. B., e FLAHERTY, J. F. (1981) — The development of the self-concept during the adolescent years. *Monographs of the Society of Research in Child Development*, 191, 46.
- EICK, K. (1979) — Untersuchung der Freiraumnutzung durch Kinder. Berlin; Technical University, unpublished dissertation.
- ELDER, G. H. Jr. (1984) — Families, kin, and the life course: A sociological perspective. In R. D. Parke (ed.) *The family*. Chicago: The University of Chicago Press.
- ELLIOTT, D. S., AGETON, S. S., HUIZINGA, D., KNOWLES, B. A., e CANTER, R. J. (1983) — *The prevalence and incidence of delinquent behavior: 1976-1980. National estimates of delinquent behavior by sex, race, social class, and other selected variables*. Boulder: Behavioral Research Institute.
- ELLIOTT, D. S., HUIZINGA, D., e AGETON, S. S. (1985) — *Explaining delinquency and drug use* — Beverly Hills: Sage.
- FISCHER, A., FISCHER, R. C., FUCHS, W., e ZINNECKER, J. (1981) — *Jugend '81. Lebensentwürfe, Alltagskulturen, Zukunftsbilder*. Hamburg: Jugendwertk der Deutschen Shell.
- FLAY, B. R., RYAN, K. B., BEST, J. A., BROWN, K. S., KERSELL, M. W., D'AVERNAS, J. R., e ZANNA, M. P. (1983) — Cigarette smoking: Why young people do it and ways of preventing it. In P. J. McGrath & P. Firestone (eds.) *Pediatric and adolescent behavioral medicine*. New York: Springer.
- FUHRER, U. (1985) — Das Konzept «Behavior Setting»: Überlegungen zu seiner für Psychologie relevanten Aufbereitung. In P. Day, U. Fuhrer & U. Laucken (eds.) *Umwelt und Handeln: ökologische Anforderungen und Handeln im Alltag*. Tübingen: Attempo.
- GALAMBOS, N. L., e SILBEREISEN, R. K. (in press a) — Income change, parental life outlook, and adolescent expectations for job success. *Journal of Marriage and the Family*.
- GALAMBOS, N. L., e SILBEREISEN, R. K. (in press b) — Influences of family income change on deviance and peer relations in adolescence. *European Journal of Psychology of Education*.
- GIBSON, J. J. (1977) — The theory of affordances. In R. Shaw & F. Bransford (eds.) *Perceiving, acting, and knowing*. Hillsdale: Erlbaum.
- GRABOW, S., e SALKIND, N. J. (1967) — The hidden structure of children's play in an urban environment. In P. Suedfeld et al. (eds.) *The behavioral basis of design, vol. 1*. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross.
- GULOTTA, T., e ADAMS, G. R. (1982) — Substance abuse minimization: Conceptualizing prevention in adolescent and youth programs. *Journal of Youth and Adolescence*, 11, 409-424.
- HARMS, G., PREISSING, C., e RICHTERMEIER, A. (1985) — *Kinder und Jugendliche in der Großstadt*. Berlin: Fortbildungsinstitut für die pädagogische Praxis.
- HAVIGHURST, R. J. (1952), 2nd. ed.) — *Developmental task and education*. New York: Plenum Press.
- HEINZ, W. R. (1986) — The transition from school to work in crisis. Coping with threatening unemployment. Paper presented at the Annual Meeting of the American Educational Research Association, April 16-20, San Francisco.
- HOFF, E.-H. (1985) — Berufliche Sozialisation. Zur Verbindung soziologischer und psychologischer Forschung. In E.-H. Hoff, L. Lappe & W. Lempert (eds.) *Arbeitsbiographie und Persönlichkeitsentwicklung, Schriften zur Arbeitspsychologie Nr. 40*. Bern: Huber.
- HOLAHAN, C. J. (1978) — *Environment and behavior*. New York: Plenum Press.
- HUBA, G. J., e BENTLER, P. M. (1982) — A developmental theory of drug use: Derivation and assessment of a causal modeling approach. In P. B. Baltes & O. G. Brim jr. (eds.) *Life-span development and behavior, vol. 4*. New York: Academic Press.
- HUBA, G. J., e BENTLER, P. M. (1983) — Causal models of personality, peer culture characteristics, drug use, and criminal behaviors over a five-year span. In D. Goodwin, K. Van Dusen & S. Mednick (eds.) *Longitudinal studies of alcoholism*. Boston: Nijhof.
- HULL, J. G. (1981) — A self-awareness model of the causes and effects of alcohol con-

- sumption. *Journal of Abnormal Psychology*, 90, 586-600.
- HULL, J. G., e YOUNG, R. D. (1983) — The self-awareness-reducing effects of alcohol: Evidence and implications. In J. Suls & A. G. Greenwald (eds.) *Psychological perspectives on the self*, vol. 2. Hillsdale: Erlbaum.
- JESSOR, R. (1986) — Adolescent problem drinking: Psychosocial aspects and developmental outcomes. In R. K. Silbereisen, & Eyferth & G. Rudinger (eds.) *Development as action in context: Problem behavior and youth development*. New York: Springer.
- JESSOR, R., e JESSOR, S. L. (1977) — *Problem behavior and psychosocial development: A longitudinal study of youth*. New York: Academic Press.
- JÖRESKOG, K. G., e SÖRBOM, D. (1981) — *LISREL V: Analysis of linear structural relationships by maximum likelihood and least square methods*. Uppsala: University of Uppsala.
- JOHNSTON, L. D., O'MALLEY, P. N., e BACHMAN, J. G. (1984) — *Highlights from drugs and American high school students 1975-1983*. Rockville: National Institute of Drug Abuse.
- KAMINSKI, G. (1986) — *Ordnung und Variabilität im Alltagsgehen. Das Behavior Setting-Konzept in den Sozial- und Verhaltenswissenschaften*. Göttingen: Hogrefe.
- KANDEL, D. B. (1980) — Drug and drinking behavior among youth. *Annual Review of Sociology*, 6, 235-285.
- KANDEL, D. B. (1986) — Processes of peer influences in adolescence. In R. K. Silbereisen, K. Eyferth & G. Rudinger (eds.) *Development as action in context: Problem behavior and normal youth development*. New York: Springer.
- KANDEL, D. B., KESSLER, R. C., e MARGULIES, R. (1978) — Antecedents of adolescents initiation into stages of drug use: A developmental analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, 7, 13-40.
- KANDEL, D. B., e LOGAN, J. A. (1984) — Patterns of drug use from adolescence to young adulthood: I. Patterns of risk for initiation, continued use, and discontinuation. *American Journal of Public Health*, 74, 660-666.
- KAPLAN, H. B. (1980). — *Deviant behavior in defense of self*. New York: Academic Press.
- KAPLAN, H. B., MARTIN, S. S., e ROBBINS, C. (1984) — Pathways to adolescent drug use: Self-derogation, peer influence, weakening of social controls, and early substance use. *Journal of Health and Social Behavior*, 25, 270-189.
- KASTNER, P. (1985) — Die Revision des Fragebogens zum Drogengebrauch im Berliner Jugendlängsschnitt, die Einführung eines diskriminations-validen Fragebogens zum Sportverhalten und epidemiologische Daten zum Drogengebrauch Jugendlicher 1982 und 1983. In R. K. Silbereisen & K. Eyferth (eds.) *Berichte aus der Arbeitsgruppe Tudrop Jugendforschung*, 53-85. Berlin: Technische Universität.
- KOHN, M. L., e SCHOOLER, C. (1983) — *Work and personality: An inquiry into the impact of social stratification*. Norwood: Ablex Publishing Corporation.
- KOHN, M. L., SLOMCZYNSKI, K. M., e SCHOENBACH, C. (1985) — Social stratification and the transmission of values in the family: A cross-national assessment. *Sociological*.
- LABOUVIE, E. W. (1986) — The coping function of adolescent alcohol and drug use. In R. K. Silbereisen, K. Eyferth & G. Rudinger (eds.) *Development as action in context: Problem behavior and normal youth development*. New York: Springer.
- LAZARUS, R. S. (1986) — Puzzles in the study of daily hassles. In R. K. Silbereisen, K. Eyferth & G. Rudinger (eds.) *Development as action in context: Problem behavior and normal youth development*. New York: Springer.
- LAZARUS, R. S., KANNER, A. D., e FOLMAN, S. (1980) — Emotions: A cognitive-phenomenological analysis. In R. Plutchik & H. Kellermann (eds.) *Emotion: Theory, research, and experience*, vol. 1. New York: Academic Press.
- LERNER, R. M. (1985) — Adolescent maturational changes and psychosocial development: A dynamic interactional perspective. *Journal of Youth and Adolescence*, 14, 355-372.
- LERNER, R. M., e BUSCH-ROSSNAGEL, N. A. (eds., 1981) — *Individuals as producers of their development. A life-span perspective*. New York: Academic Press.
- MAGNUSSON, D. (1985) — Implications of an interactional paradigm for research on human development. *International Journal of Behavioral Development*, 8, 115-137.
- MAGNUSSON, D., DUNER, A., e ZETTERBOOM, G. (1975) — *Adjustment. A longitudinal study*. New York: Wiley.

- MAGNUSSON, D., STATTIN, H., e ALLEN, V. L. (1985) — Differential maturation among girls and its relation to social adjustment: A longitudinal perspective. In D. L. Featherman & R. M. Lerner (eds.) *Life-span development*, vol. 7. New York: Academic Press.
- MEDRICH, E. A., ROIZEN, J., RUBIN, V., e BUCKLEY, S. (1982) — *The serious business of growing up*. Berkeley: University of California Press.
- MOOS, R. H., e BILLINGS, A. G. (1982) — Conceptualizing and measuring coping: Resources and processes. In L. Goldberger & S. Breznitz (eds.) *Handbook of stress: Theoretical and clinical aspects*. New York: The Free Press.
- MUCHOW, M., e MUCHOW, H. (1935) — *Der Lebensraum des Großstadtknides*. Hamburg: Martin Riegel Verlag.
- NEWMAN, B. M., e NEWMAN, P. R. (1979) — *Development through life*. Homewood: The Dorsey Press.
- NOACK, P. (1985) — Analyse von Freizeitorien im Berliner Jugendlängsschnitt: Manual Beobachtung. In R. K. Silbereisen & K. Eyferth (eds.) *Berichte aus der Arbeitsgruppe Tudrop Jugendforschung*, 54/85. Berlin: Technische Universität.
- NOACK, P., e SILBEREISEN, P. K. (1982) — Jugendsituationen. Theoretischer Ansatz zur Analyse jugendspezifischer Umwelten, methodische Zugänge und erste Ergebnisse. In R. K. Silbereisen & K. Eyferth (eds.) *Berichte aus der Arbeitsgruppe Tudrop Jugendforschung*, 21/82. Berlin: Technische Universität.
- NOACH, P., MUCHOWSKI, L., e SILBEREISEN, R. K. (1986) — Zur Strukturierung von Entwicklungsaufgaben aus der Perspektive von Jugendlichen. Unpublished manuscript.
- O'MALLEY, P. M., e BACHMAN, J. G. (1983) — Self-esteem: Change and stability between ages 13 and 23. *Developmental Psychology*, 19, 257-268.
- PAYNE, R. T., e JONES, D. R. W. (1977) — Children's urban landscapes in Huntington Hills, Calgary. In P. Suedfeld et al. (eds.) *The behavioral basis of design*, vol. 2. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross.
- PERRY, C. L., e JESSOR, R. (1985) — The concept of health promotion and the prevention of adolescent drug abuse. *Health Education Quarterly*, 12, 169-184.
- PETERSEN, A. C., e SPIGA, R. (1982) — Adolescence and stress. In L. Goldberger & S. Breznitz (eds.) *Handbook of stress: Theoretical and clinical aspects*. New York: The Free Press.
- PEYSER, H. (1982) — Stress and alcohol. In L. Goldberger & S. Breznitz (eds.) *Handbook of stress: Theoretical and clinical aspects*. New York: The Free Press.
- Projektgruppe Tudrop (1984) — *Heroinabhängigkeit unbertreuter Jugendlicher*. Weinheim: Beltz.
- PULKKINEN, L. (1982) — Self-control and continuity from childhood to late adolescence. In P. B. Baltes & O. Brim (eds.) *Life-span development and behavior*, vol. 4. New York.
- PULKKINEN, L. (1983) — Youthful smoking and drinking in a longitudinal perspective. *Journal of Youth and Adolescence*, 12, 153-283.
- RUTTER, M., e GARMEZY, N. (1983) — Developmental psychopathology. In P. M. Mussen (ed.) *Handbook of child psychology*, 4th edition, vol. 4. New York: Wiley.
- SCHUHLER, P., e KASTNER, P. (1985) — Analyse von Freizeitorien im Berliner Jugendlängsschnitt: Manual Interview. In R. K. Silbereisen & K. Eyferth (eds.) *Berichte aus der Arbeitsgruppe Tudrop Jugendforschung*, 55/85. Berlin: Technische Universität.
- SCHWARZER, R. (1983) — Unterrichtsklima als Sozialisationsbedingung für Selbstkonzeptentwicklung. *Unterrichtswissenschaft*, 2, 129-148.
- SIEGERT, M., e CHAPMAN, M. (in press) — Identitätsentwicklung im Erwachsenenalter. In H. P. Frey & K. Haußer (eds.) *Identität*. Stuttgart: Enke.
- SILBEREISEN, R. K. (1986) — Entwicklung als Handlung im Kontext. Entwicklungsaufgaben und Problemverhalten im Jugendalter. *Zeitschrift für Sozialisationsforschung*, 6, 29-46.
- SILBEREISEN, R. K., BOEHNKE, K., e REYKOWSKI, J. (1986) — Prosocial motives from 12 to 18: A comparison of adolescents from Berlin (West) and Warsaw. In R. K. Silbereisen, K. Eyferth & G. Rudinger (eds.) *Development as action in context: Problem behavior and normal youth development*. New York: Springer.
- SILBEREISEN, R. K., e EYFERTH, K. (1985) — Der Berliner Jugendlängsschnitt. Projekt «Jugendentwicklung und Drogen». Dritter Fortsetzungsantrag an die Deutsche Forschungsgemeinschaft. In R. K. Silbereisen & K. Eyferth (eds.) *Berichte aus der Arbeitsgruppe Tudrop Jugendforschung*, 50/85. Berlin: Technische Universität.
- SILBEREISEN, R. K., e EYFERTH, K. (1986) — Development as action in context. In R. K.

- Silbereisen, K. Eyferth & G. Rudinger (eds.) *Development as action in context: Problem behavior and normal youth development*. New York: Springer.
- SILBEREISEN, R. K., e KASTNER, P. (1987) — Jugend und Problemverhalten. Entwicklungspsychologische Perspektiven. In R. Oerter & L. Montada (eds.) *Entwicklungspsychologie*. München: Urban & Schwarzenberg.
- SILBEREISEN, R. K., e NOACK, P. (1986) — Adolescence and environment. In D. Canter & M. Krampen (eds.) *Ethnoscapas*. Aldershot: Gower.
- SILBEREISEN, R. K., NOACK, P., e EYFERTH, K. (1986) — Place for development: Adolescents, leisure settings, and developmental tasks. In R. K. Silbereisen & K. Eyferth (eds.) *Development as action in context: Problem behavior and normal youth development*. New York: Springer.
- SILBEREISEN, R. K. REITZLE, M., e DWYER, J. (1986) — Self-esteem, leisure motive, and adolescents' substance use (submitted).
- SILBEREISEN, R. K., REITZLE, M., e ZANK, S. (1986) — Stability and change of self-concept in adolescence: Self-knowledge and self-strategies. Paper presented at the symposium «In Memoriam Herrmann Ebbinghaus». Berlin, German Democratic Republic, July 1-6.
- THRASHER, F. M. (1963; 1st ed. 1927). *The gang*. Chicago: University of Chicago Press.
- UCHTENHAGEN, A., e ZIMMER-ÖFLER, D. (1985) — *Heroinabhängige und ihre «normalen» Altersgenossen*. Bern: Haupt.
- WERNER, E. E., e SMITH, R. S. (1982) — *Vulnerable but invincible. A study of resilient children*. McGraw-Hill.
- WILLIS, P. (1977). *Learning to labour*. Westmead: Saxon House.
- WILLS, T. A., e VAUGHN, R. (1985) — Relationship of peer and adult support to smoking and alcohol use in middle adolescence (submitted).
- WOHLWILL, J. F. (1985) — *Martha Muchow and the life space of the urban child*. *Human Development*, 28, 200-209.
- YAMGUCHI, K., e KANDEL, D. B. — On the resolution of role incompatibility: A life event history analysis of family roles and marijuana use. *American Journal of Sociology*, 90, 1284-1325.
- ZINNECKER, J. (1985) — Jugend der Gegenwart — Beginn oder Ende einer historischen Epoche? In D. Baacke & W. Heitmeyer (eds.) *Neue Wildersprüche. Jugendliche in den achtziger Jahren*. Weinheim: Juventa.

futuro

CIÊNCIA • NOVAS TECNOLOGIAS • GESTÃO

**NAS BANCAS
TODOS OS MESES**

REVISTA MENSAL

PREÇO: 250\$00

SAI NA 1.ª QUINZENA

UMA REVISTA INDISPENSÁVEL

EDITORES: Acácio Gomes, Jorge Nascimento Rodrigues (*Coordenador de Redacção*), Luís Marques e Virgílio Azevedo.

DIRECTOR: Mário Horta

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE: Rua de S. Bento, 271-2.º — 1200 LISBOA.
Tel.: 67 72 00-67 63 17.

INSTITUIÇÕES APOIANTES: AIP (Associação Ind. Portuguesa) CENTREL CTT/TLP Faculdade de Ciências e Tecnologia da Univ. Nova de Lisboa IEFP — Instituto de Emprego e Formação Profissional IPE ISEFOC/UGT INESC JNICT LNEC LNETI SEARN — Secretaria de Estado Ambiente e Rec. Nat. SEIC — Secretaria Estado Juventude UP — Universidade do Porto.

PREÇO DE ASSINATURA:

ANUAL: 2500\$00

SEMESTRAL: 1250\$00
